UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS - CAM/PUS JORGE AMADO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

ADRIENE VIANA LIMA

AMPLIANDO OLHARES RUMO AS POÉTICAS DOS POVOS DA TERRA: a “fotoraizarte” no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia

Itabuna, Bahia
2023

ADRIENE VIANA LIMA

AMPLIANDO OLHARES RUMO AS POÉTICAS DOS POVOS DA TERRA: a “fotoraizarte” no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia

Dissertação em forma de Memorial Descritivo,Projeto de Intervenção e Produtos Educacionais, apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - Campus Jorge Amado. Área de Concentração: Ensino e Relações Étnico-Raciais nas Perspectivas Pós e Decoloniais.

Orientadora: Prof[a] Dr[a] Alessandra Mello Simões Paiva.

Itabuna, Bahia
2023

Figura 1: Caminhos da fotoraizarte

Fonte: Acervo da autora

Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

L732a Lima, Adriene Viana, 1974 -
Ampliando olhares rumo as poéticas dos povos da terra: a "fotoraizarte" no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia. / Adriene Viana Lima. – Itabuna, 2023.
83 f.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Mello Simões Paiva
Memorial Descritivo (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Campus Jorge Amado.

1. Educação do Campo. 2. Estéticas. 3. Fotografia. 4. Ensino da Arte. I. Paiva, Alessandra Mello Simões. II. Título.

CDD – 370.19346

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

ATA DE BANCA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DEMESTRADO PROFISSIONAL
Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

No dia 30 de agosto de 2023, das 15h às 17h30, foi realizada por meio de videoconferência a banca pública de defesa da dissertação de mestrado da discente ADRIENE VIANA LIMA, matrícula 2020102324, intitulada: TRADUZINDO OLHARES RUMO AS AÇÕES POÉTICAS DOS POVOS DA TERRA: a "fotoraizarte" no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia. Esteve reunida, em caráter ordinário, a banca examinadora da comissão composta pelas professoras doutoras: Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho (UNEB - Universidade do Estado da Bahia), Cinara de Araujo Soares (UFSB), Cynthia Cy Barra (suplente PPGER/UFSB) e Alessandra Mello Simões Paiva (orientadora/UFSB). Após as arguições e sugestões pontuais, a banca examinadora destacou a importância do trabalho, sua contribuição para o ensino das artes na educação do campo, a pertinência de seu arcabouço teórico e metodológico, além de sua relevância em função da elaboração de material poético-pedagógico na forma de produto que acompanha a dissertação. Assim, definiu-se como parecer final a aprovação do trabalho.

Alessandra Mello Simões Paiva (orientadora/UFSB)

Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho (UNEB - Universidade do Estado da Bahia)

Cinara de Araujo Soares (UFSB)

Cynthia Cy Barra (suplente PPGER/UFSB)

Adriene Viana Lima (Estudante PPGER)

Dedico em primeiro a Deus por ter me proporcionado saúde e coragem de enfrentar o obstáculo que a vida oferece. Ao meu esposo, que tanto colaborou, e compreendeu minhas ausências, aos meus familiares que sempre me apoiou e incentivou em todos os momentos da minha vida e aos professores pela dedicação, atenção, motivação e incentivo.

AGRADECIMENTOS

É chegado o fim de um ciclo de muitas risadas, choros, felicidade e frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte desta etapa da minha vida.

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e prosseguir minha jornada.

Ao meu irmão Lucas Viana Lima, à minha cunhada Luciana Longo Ribeiro e aos meus sobrinhos Afonso Viana Longo e Luna Viana Longo (in memoriam).

A minha família, em especial a Elder meu esposo pela paciência e compreensão da minha ausência e cansaço. À minha mãe Ana e meu pai Aurino, por serem tão especiais e pelas constantes orações. A minha irmã gêmea Adriana e aos outros irmãos Fátima, D'Ajuda e Luiz por fazerem parte da minha vida e das minhas conquistas.

Ao professor Luiz Carlos, à professora Katia Miriam e à professora Solange pelo acolhimento no Colégio Milton Santos e no Assentamento Terra Vista, abrindo as portas do colegio e da comunidade, onde efetivei minha pesquisa.

Sou grata também por todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e que doaram um pequeno fragmento de suas vivências e sabedorias, que ajudaram a compor a pessoa, em constante evolução, que tento ser.

Não posso deixar de agradecer a todas as pessoas com quem trabalhei durante esse periodo do mestrado em especial aos colegas Ismael Ribeiro Gomes, Wanderson, Renata e Alyne.

Às professoras Luzeni, Cinara e Cynthia, por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Aos estudantes e as assentadas que contribuiram com as composições fotográficas, meu termo de agradecimento por confiarem em meus conhecimentos. A presença de vocês enriqueceu mais meus estudos, e me fez acreditar ainda mais nas possibilidades da fotoraizarte. Meu muito obrigado.

À Alessandra Simões Paiva, minha orientadora, pelos ensinamentos inesquecíveis e pelas palavras de incentivo, pela infinita compreensão e sensibilidade. Obrigado por acreditar na minha capacidade e não me deixar desistir. Sua competência e acolhimento deixou tudo mais claro, serei eternamente grata por você fazer parte dessa importante etapa da minha vida.

“A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público.”

Ana Mae Barbosa

Fonte: Acervo da autora

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos compartilhar a experiência de uma prática didático-artística no curso técnico profissionalizante em agroecologia em alternância, no Centro Estadual Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos, no Assentamento Terra Vista, município de Arataca (BA). Analisar os saberes, fazeres e através das ações poéticas das mulheres assentadas por meio de uma intervenção fotográfica voltada para as práticas artísticas e culturais, por meio do uso da técnica fotográfica como proposta pedagógico/metodológica de ensino da arte, e a partir do conceito de fotoraizarte, entendido aqui como possibilidade para o encontro entre arte e agroecologia. Pois as produções artísticas e os saberes e fazeres agroecológicos no contexto da educação do campo tem pontos em comum como exemplo o equilibrio e a harmonia.

Palavras-chave: Educação do Campo; Estéticas; Fotografia; Ensino da Arte

SUMMARY

In this work, we intend to share the experience of a didactic-artistic practice in the vocational technical course in agroecology in alternation, at the Centro Estadual Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Santos, in the Terra Vista settlement, in the municipality of Arataca (BA). To analyze the knowledge, actions and through the poetic actions of the settled women through a photographic intervention focused on artistic and cultural practices, through the use of the photographic technique as a pedagogical/methodological proposal for teaching art, and from the concept of fotoraizarte, understood here as a possibility for the encounter between art and agroecology. For artistic productions and agroecological knowledge and practices in the context of rural education have common points, such as balance and harmony.

Keywords: Rural Education; Aesthetics; Photography; Art Teachin

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caminhos da fotoraizarte
Figura 2: Caminhos das Magias das Águas do Terra Vista
Figura 3: A Casa
Figura 4 Vista aérea do Assentamento Terra Vista em 1998 e em 2015
Figura 5: O Ensino da Arte no Campo
Figura 6: Arte da floresta
Figura 7: Esquema da dinâmica da fotoraizarte
Figura 8: A proposta da fotoraizarte, em diagrama.
Figura 9: Diagrama
Figura 10: Caminho das Fotos
Figura 11: As Tramas
Figura 12: Arte, Natureza, Mulher e Agroecologia**.**
Figura 13: Recipiente de Cerâmica
Figura 14: As Mãos que Cuidam da Semente da Vida
Figura 15: Identidades como Produções da Cultura
Figura16: O Cachorro
Figura 17: Banho de Rio
Figura 18: Pomada Medicinal
Figura 19: Frasco Coletador Cheio de Óleo Essencial
Figura 20: Composição Artística com Elementos da Natureza
Figura 21: Estética da Floresta no Assentamento Terra Vista.
Figura 22: Arte da Cartografia Afetiva
Figura 23: Arte da Resistencia
Figura 24: Diagrama fotoraizarte.
Figura 25: A Casa da Cultura

LISTA DE SIGLAS

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EACMA- Comunitária Margarida Alves

EFA- Escola Família Agrícola

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PPGER - Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PROSUB - Programa de Desenvolvimento de Subsequente

Sumário

1. INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO I..... 16
1.1 O MEU PERTENCIMENTO AO MUNDO DE ASSENTADOS 16
1.2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR 21
1.3 ATIVIDADES DOCENTES: ARTISTA COLETORA–PROFESSORA AGREGADORA 25
1.4 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO TERRA VISTA 26
1.5 REDE DE LINGUAGEM DA ARTE POLÍTICO-SOCIAL 30
1.6 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO 33

CAPÍTULO II 35
2.1 ARTE CONTEMPORÂNEA 35
2.2 ARTE E ESTÉTICA DA FLORESTA 36
2.3 ARTE DOS FAZERES DA VIDA NO CAMPO 39
2.4 EDUCAÇÃO DO CAMPO PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O MOVIMENTO SOCIAL DO CAMPO 41
2.5 REGISTRO DE MEMÓRIA E POÉTICAS DA RESISTÊNCIA 44

CAPÍTULO III 47
3.1 ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA AGROECOLOGIA 47
3.2 PRÁTICAS APLICADAS 52
3.3 METODOLOGIA DA FLORESTA DOS SABERES 70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 78

Figura 2: CAMINHOS DAS MAGIAS DAS ÁGUAS DO TERRA VISTA

Fonte: Acervo da Autora

1. INTRODUÇÃO

O memorial que ora apresento consiste em uma reflexão sobre as práticas artísticas realizadas durante esta pesquisa, que teve como base teórica e metodológica o conceito de fotoraizarte, criado por esta autora para sinalizar os caminhos possíveis para o encontro entre arte e agroecologia. Para isto, foi levado em consideração o princípio de que as produções artísticas e os saberes e fazeres agroecológicos no contexto da Educação do Campo têm diversos pontos em comum, como o equilíbrio e a harmonia, observados a partir de diversas práticas profissionalizantes em agroecologia da alternância, durante a pesquisa realizada nestes últimos anos no Centro Estadual Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Santos, no assentamento Terra Vista, município de Arataca (BA).

A Agroecologia e a Arte podem parecer campos bastante diferentes à primeira vista, mas elas têm muitas coisas em comum. Em primeiro lugar, ambas podem ser vistas como formas de expressão criativa. Na agroecologia, as pessoas podem criar soluções criativas e inovadoras para problemas relacionados à agricultura e à produção de alimentos, utilizando técnicas de permacultura, agricultura orgânica, entre outras, se contrapondo ao modelo hegemônico de desenvolvimento rural, de produção de alimentos. Na arte, as pessoas podem criar obras que expressam suas emoções, ideias e visões de mundo de maneira única e criativa. Além disso, tanto a agroecologia quanto a arte podem ser formas de resistência e de busca pormudanças sociais e ambientais.

A agroecologia busca criar sistemas alimentares mais justos, saudáveis e sustentáveis, que valorizam a diversidade cultural e biológica. Já a arte pode ser usada para denunciar injustiças e opressões, para questionar normas e valores dominantes e para propor novas formas de viver e de se relacionar com o mundo. Por fim, a agroecologia e a arte também podem ser vistas como formas de conhecimento e de aprendizagem, que valorizam a experimentação, a observação, a reflexão crítica e a colaboração. Ambas podem ser vistas como processos dinâmicos e em constante transformação, que exigem criatividade, adaptabilidade e resiliência.

O ensino da arte no contexto da Educação do Campo e da agroecologia apresenta diversas possibilidades enriquecedoras no processo de ensino-aprendizagem. E para explicar a função da arte e da agroecologia no contexto da Educação do Campo, analisando as diversas formas de observar a estética através de instrumentos pedagogicos visualizando a

transversalidade potecializando outros angulos de linguagens artisticas das assentadas e estudantes no assentamento.

Através de tais pensamentos, percebemos que a fotoraizarte propõe possibilidades múltiplas para a criação artística no contexto do ensino da arte no campo. Ao serem colocadas em prática no cotidiano escolar, as proposições poéticas reforçam a relação entre as pessoas e seu lugar de moradia, a luta das identidades e a resistência política. Nesse sentido, é importante pensar e repensar outras possibilidades do ensino da arte no contexto da educação do campo.

A integração da arte com os saberes agroecológicos oferece uma abordagem educaional holistica, que vai além das frontriras tradicionais do ensino. Essa conexão pode fornecer uma compreensão mais profunda da inter-relação entre as práticas agrícolas sustentavéis, a natureza e a expressão artística. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a arte pode ser potencializada no contexto da educação do campo.

Os processos criativos fazem parte da ideia de "produção", que vai deste as produções artísticas até a produção de lavouras, com cultivos baseados no uso de práticas sustentáveis. Para tudo, se faz presete a criatividade. A arte desempenha várias funções importantes na Educação do Campo. Em primeiro lugar, ela pode ser uma forma de expressão e de valorização da cultura e das tradições locais. As artes visuais, a música, o teatro, a literatura e outras manifestações culturais podem ser utilizados para contar histórias, para registrar memórias e para celebrar a identidade cultural dos povos do campo. Além disso, a arte pode ser uma ferramenta pedagógica potente para estimular a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes. Ela pode ser usada para ensinar conceitos complexos de maneira lúdica e envolvente, para estimular a observação e a análise de imagens e de contextos sociais e culturais, e para fomentar a reflexão sobre questões importantes, como a sustentabilidade, a justiça social e a diversidade.

No processo de ensino-aprendizagem, é muito importante a participação dos (as) estudantes e da comunidade onde está situada a escola do campo, e a sua interação pode ser vista como uma ferramenta valiosa do processo de ensino-aprendizagem. Por meio da arte, é possível criar espaços de diálogo e de troca de experiências, favorecendo a construção de identidades mais plurais e mais tolerantes. A arte ainda pode ser considerada uma forma de empoderamento dos (as) estudantes do campo, permitindo que eles (as) expressem suas opiniões, suas visões de mundo e suas aspirações de maneira livre e criativa. A arte pode ser usada para valorizar as potencialidades e as habilidades dos estudantes, estimulando o seu engajamento e a sua participação ativa na comunidade escolar e no desenvolvimento local.

Assim, este trabalho tem como objetivo relatar e aprofundar as análises das ações poéticas de mulheres através de intervenção fotográfica como proposta pedagógico/metodológica de ensino da arte, política, fotoraizarte e as experiências agroecológicas, cultural e artístico popular das mulheres assentadas e de estudantes do Curso de Agroecologia em regime de alternância.

PROBLEMA

Essa etapa da pesquisa foi para apresentar a questão que norteou todo o desenvolvimento da mesma, visando qual a questão que se almeja responder. No caso desse projeto de ensino e pesquisa, o questionamento central foi "Quais são as possibilidades e os impactos das aplicações de metodologias do ensino em arte e sua relação com a agroecologia no contexto do campo?".

Essa questão vem para mostrar que o processo de ensino não precisa com o método tradicional, mas que com ações divercificadas a aprendizagem também pode ser concebida.

OBJETIVO GERAL

Analisar os saberes, fazeres e através das ações poéticas das mulheres assentadas por meio de uma intervenção fotográfica voltada para as práticas artísticas e culturais.

Objetivos Específicos:

- Contextualizar os conhecimentos, valorizando as experiências dos estudantes e seus conhecimentos prévios, sem perder de vista a (re) construção dos saberes dos povos do campo;
- Fazer uso das fotografias produzidas pelos estudantes como prática pedagógica/metodológica de ensino, através da elaboração do conceito de fotoraizarte, que surge da fusão entre a arte e a agroecologia,
- Propor ações por meio de oficinas de técnicas de capacitação, técnicas de bordados com tramas que enlacem o soltar da criatividade e o expressar de diversas formas: ponto atrás, ponto pirulito, ponto partido/corrente e ponto haste para possibilitar o desenvolvimento da criatividade e das emoções;
- Experimentar e discutir as potencialidades da fotografia como recurso de compreensão e de intervenção no dia a dia das pessoas que vivem no campo;

CAPÍTULO I

1.1 O MEU PERTENCIMENTO AO MUNDO DE ASSENTADOS

Sou uma das mais velhas de seis filhas e gêmea de Adriana Viana Lima. Meu pai, Aurino, e minha mãe Ana, casaram-se em Teixeira de Freitas (BA), mas eu e minha irmã nascemos em casa, nas mãos de uma parteira na zona rural do municipio de Alcobaça –BA. Lembro-me como hoje o primeiro dia em que cheguei com meus pais e meus cinco irmãos ao Assentamento Tuiuty, no município de Belmonte, que está localizado no litoral sul da Bahia, no baixo Rio Jequitinhonha.

A conquista desse território aconteceu oficialmente em 20 de setembro de 1992, mas a ocupação deu-se às margens da BA 275, em 1989, quando o confronto com o antigo proprietário da terra resultou na morte de um trabalhador. A partir de então, após a desapropriação pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a terra passou a ser dos camponeses, consolidando o assentamento com área de 510 hectares e 20 famílias. Atualmente, 17 famílias estão assentadas e a minha família está lá até hoje.

Ao chegarmos nesse assentamento, meus pais construíram a nossa casa rusticamente, com paredes de taipa e telhados de “taubilhas” (telhas de lascas de madeira). Nossa casa era pequena, mas foi construída com muito carinho, com as nossas mãos. Era visível o sorriso largo no rosto e obrilho no olhar, tanto das pessoas da minha família, quanto dos vizinhos e amigos que participaram do mutirão da construção. As casas dos nossos vizinhos ficavam muito distantes porque cada um morava no seu lote. A maioria das casas era construída de taipa ou madeira, como a nossa. Somente depois de alguns anos é que o nosso assentamento recebeu o projeto do governo federal para a construção da agrovila, com uma nova infraestrutura e agrupamentodas famílias.

Nessa época eu tinha 15 anos de idade e só havia cursado a antiga quarta série do primário, assim como a maioria dos jovens que moravam no assentamento e que também não tinham ensino fundamental completo. Não tínhamos como estudar porque a escola mais próxima ficava a mais de 75 km de distância do assentamento e não existia transporte coletivo. Próximo dali existia um povoado que hoje distancia 35 km por rodovia, mas na época esta via não existia, era apenas um caminho na mata.

O cenário educacional do assentamento nesta época era de muita dificuldade, com escolas em povoados distantes, sem transporte e metodologias adequadas para jovens ou adultos do campo. Atualmente o assentamento está mais organizado, já temos energia elétrica, água tratada, uma igreja católica, uma escola de ensino dos anos iniciais, uma praça e existem

algumas ruas de terra. Mas não temos, ainda, rede de esgoto.

Lembro-me que de forma não planejada minha irmã gêmea Adriana e eu passamos a ser professoras leigas voluntárias, e reuníamos algumas crianças, jovens e adultos do assentamento para alfabetizá-los em nosso próprio ambiente doméstico. Nesse período da vida, o ambiente escolar era o nosso maior sonho.

A nossa casa era o lugar onde nós sentíamos a vontade necessária para começar a militância na educação do campo. Nós, povo do campo em luta no assentamento Tuiuty, sabíamos da importância da educação para as crianças, jovens e adultos. A partir daí, começamos a pensar em nos organizar melhor para conseguir uma escola. Nesse meio-tempo, o assentamento encontrou o apoio forte da Comissão Pastoral da Terra – CPT, que era atuante nas questões agrária e social e nos orientou como organizar uma associação.

A partir de então, nós, assentados, criamos a Associação dos Pequenos Produtores do Vale do Jequitinhonha, fundada em 18 de maio de 1992. Foi nesse momento que comecei a fazer parte do grupo de mulheres e dos grupos de católicos do assentamento. Mesmo com as dificuldades encontradas os grupos de mulheres e de jovens, começamos a pensar em construir uma escola no assentamento que atendesse às nossas especificidades. Então comecei a assumir algumas funções importantes no assentamento, envolvi-me com a organização da missa na igreja e fiz parte da associação acima citada. Realizamos a construção da Escola, que começou a funcionar com duas salas de aula feitas de taipa, sem banheiro e coberta com telhas de amianto, construída por mulheres e jovens em mutirão. As primeiras professoras foram minhas duas irmãs, duas colegas também moradoras do assentamento e eu.

Nessa época estávamos dando aula na escola, mesmo sem ter o ensino médio. A experiência de estar numa sala de aula pela primeira vez, onde o conteúdo aplicado por mim era familiar (embora não o dominasse muito bem), deixou-me claro que eu ainda não havia adquirido o conhecimento necessário para trabalhar com as crianças, jovens e adultos do assentamento Tuiuty. Assim, percebi que precisávamos continuar estudando e, como já estávamos trabalhando e não havia escola por perto, a única forma que víamos de resolver essa situação seria estudar em uma escola que nos permitisse estudar e nos profissionalizar sem que abandonássemos o assentamento.

Foi a partir dessa inquietação que, na busca por soluções, encontramos a senhora Janira Jesus Souza de França e o padre João Smith que trabalhavam na Comissão Pastoral da Terra, instituição da Igreja Católica (CPT) e contribuíram muito com as nossas formações política e social. Eles nos apresentaram ao modelo de Escola Família Agrícola - EFA, que

trabalhava com a pedagogia da alternância1 e tinha uma metodologia específica para o povo do campo. Meses depois fizemos uma visita à Escola Família Agrícola que ficava no município de Itororó, Bahia, que ficava a 237 km de distância do assentamento Tuiuty. No ano de 1992, começamos a estudar na EFA em alternância. Éramos cinco jovens mulheres e, para continuar trabalhando na escolado assentamento, foi preciso que nos revezássemos em períodos entre a casa e a escola. Assim, enquanto eu e minha irmã estudávamos durante duas semanas em Itororó, as outras três professoras estavam trabalhando em sala de aula no assentamento e, depois das duas semanas, trocávamos de lugar.

Desta forma, tivemos a oportunidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Mas, para isso, tínhamos que enfrentar 14 km de caminhadas a pé até a margem do Rio Jequitinhonha, atravessar de canoa e continuar a caminhar para pegar o ônibus e seguir viagem para a EFA. Estudei por três anos nessa escola e, quando concluí o ensino fundamental, ela foi fechada. Era a única Escola Família Agrícola na região que trabalhava com alternância e tinha alojamento para os estudantes da área de reforma agrária, comunidades tradicionais, povos indígenas e pequenos produtores que não tinham como pagaraluguel para estudar na cidade.

O fechamento da escola teve enorme impacto para nós, estudantes, já que não podíamos parar de estudar, pois precisávamos finalizar nossa formação. Quando comecei a estudar nessa escola, na antiga quinta séria, éramos cinco mulheres joves. Chegamos ao oitavo ano quando a escola fechou, e isso foi uma conquista para o nosso grupo de assentadas.

Desta vez, só restava buscar alternativas. A que encontramos foi conversar com a CPT. Eles perguntaram se a gente tinha coragem de morar no salão paroquial da Igreja Católica na cidade de Itapebi, que fica a 75 km de distância do assentamento. Nesse momento, a gente não tinha outra opção, então aceitamos. Dessa vez, já éramos dez estudantes jovens, a maioria, mulheres. Assim, em 1995, chegamos à Itapebi. Realizei minha matrícula no curso técnico em magistério, em uma escola estadual.

Nessa cidade, vivi o preconceito por fazer parte do movimento social do campo. Tive que morar com um grupo de jovens no salão paroquial da Igreja Católica e, como não tínhamos condições de comprar móveis naquela época, a gente colocava um colchão em cima do tapete vermelho que era utilizado nas festas de casamento da igreja.

Apesar das dificuldades, aprendi muito durante esse período de convivência com esse grupo. Assim é que começamos a pensar em construir uma Escola Família Agrícola que

desse conta da nossa demanda específica do assentamento Tuiuty e de outras comunidades rurais da região. A partir daí percebemos que precisávamos construir uma Escola Família Agrícola mais próxima do assentamento, então começamos um diálogo com algumas pessoas da CPT, associações de pequenos produtores da região, grupo de mulheres, jovens rurais e o padre que celebrava no assentamento Tuiuty. Juntos desenvolvemos oprojeto de construção, que resultou na Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves - EACMA, EFA no município de Ilhéus.

A ideia de implementação do projeto da EFA de Ilhéus surgiu, em 1995, em reuniões de mulheres e jovens rurais que buscavam viabilizar o projeto de construção de uma escola que pudesse dinamizar e favorecer o desenvolvimento do povo do campo. Em setembro do mesmo ano, foi fundada a Associação Servida dos Pequenos Produtores, que viria a ser a mantenedora da EFA, a qual recebeu o nome de Margarida Alves[1], em homenagem à sindicalista paraibana que foi assassinada por incomodar os donos de usinas que desrespeitavam os direitos dos trabalhadores rurais.

Depois de muitos trabalhos em mutirão o padre João, que era pároco de Belmonte conseguiu arrecardar doações financeiras e comprou um terreno no município de Canavieiras. Porém, o recurso doado não seria o suficiente para fazer toda logistica da construção da escola, tais como: a terraplanagem, eletrificação, serviço hidráulico e outras instalações necessárias para a futura escola. Então surgiu a possibilidade de comprar um sitio em Ilhéus, com isso facilitou bastante. Pois, já havia uma infraestrutura para dar inicio as atividades escolares. Isso só foi possivel, através de um convite de uma instituição austriaca chamada Katolische Manner Bewergung (KMB).

Esta instituição convidou um agente da CPT para uma visita na Áustria. A mesma se comprometeu em apoiar o projeto da construção da EFA localizada no sitio Flor do Iguape em Ilhéus-Bahia. Este sítio pertencia a uma instituição da Diocese de Itabuna e tinha como representante o Frei Estevan Cinti.

O mês de fevereiro do ano de 1997 foi, de fato muito marcante na minha vida por saber que estávamos inaugurando uma escola que construímos em mutirão à fim de garantir uma educação que desse conta da especificidade do povo campo. Esta foi, portanto, a segunda escola do campo em que contribuí na construção.

[1] http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/margarida-maria-alves/

Sinto-me orgulhosa em fazer parte desta equipe que contribuiu para a construção das duas escolas do campo que serviram como referência de educação e qualidade em pedagogia da alternância na região sul da Bahia. Portanto, cabe aqui ressaltar que com essas experiências fui compreendendo que só a construção da escola no campo naquele momento não era o suficiente para manter os vários custos, já que a escola funcionava de forma integral onde os estudantes passavam quinze dias em tempo escola e quinze dias no tempo comunidade, com suas famílias.

Durante o tempo que estavam na escola eles precisavam de cinco refeições, porém o valor da alimentação oferecido pelo governo era insuficiente para a alimentação. Para contribuir com a alimentação, a escola tinha aulas práticas de criação de animais de pequeno porte e plantios de hortaliças. Complementando, ainda, existiam parcerias com Organizações Não Governamentais nacionais e estrangeiras. Nessa escola havia muitas práticas artísticas e culturais que contribuíram muito para a elevação da autoestima dos estudantes do campo. Nesse sentido, a EFA traz em seu projeto político pedagógico a discussão do respeito à ancestralidade, memória e identidade.

Desse modo, fui me descobrindo como professora de artes de uma escola que dava conta das inquietações do contexto. Lembro-me que, além de organizarmos as oficinas de trançados e tinturas corporais, confeccionávamos as fantasias à mão e na máquina de costura. E era um momento de aprendizagem que saiu da sala de aula para ganhar as ruas da cidade de Ilhéus, em parceria com o grupo do teatro popular de Ilhéus, artistas populares, educadoras (es), os/as estudantes e colaboradores. Com isso, a escola foi convidada para fazer algumas apresentações em diversas áreas culturais. Nas praças, mercado de artesanato e no teatro municipal.

O mais importante dessa experiência é que ela me trouxe o desejo de estudar o ensino das artes na Educação do Campo. Rememoro as vivências que contribuíram para influenciar o gosto artístico e cultural nas práticas educativas porque tudo isto me impeliu para me especializar cada vez mais. Um ponto importante que me vem à mente foi uma das atividades artísticas que foi fruto dos nossos trabalhos na área da arte e cultura.

No ano de 2005, o TeatroPopular de Ilhéus recebeu o prêmio de estímulo à montagem de teatro da fundação cultural do estado da Bahia, pela montagem da peça teatral 4RUMO, com texto e direção de Romualdo Lisboa, trazendo no elenco os estudantes e professores da escola. No ano seguinte, o espetáculo fez temporada de um mês entre Itália e Áustria. Nesse momento, foi possível ver estudantes e professores do campo tendo a oportunidade de conhecer a cultura de outros países, graças às parcerias com instituições não governamentais,

como a *Terre des Hommes Suisse* e a *katholische männerbewegung*, também conhecida sob a sigla KMB, ou a subentidade SSF (SEI SO FREI) entre outras. Depois de sete anos desse trabalho artístico, eu e uma colega recebemos convite para participar de atividades voltadas para a arte educação e aproveitamos a oportunidade para participar de algumas campanhas solidárias e fazer uma avaliação dos nossos trabalhos. Isto foi feito com as instituições que eram nossas parceiras na Suíça, Itália e Áustria. Foi a primeira vez em que fiz uma viagem para países europeus e foi um momento de muito aprendizado artes na educação do campo.

Rememoro as vivências que contribuíram para influenciar o gosto artístico e cultural nas práticas educativas porque tudo isto me impeliu para me especializar cada vez mais. Um ponto importante que me vem à mente foi uma das atividades artísticas fruto dos nossos trabalhos na área da arte e cultura. No ano de 2005, o teatro popular de Ilhéus recebeu o prêmio de estímulo à montagem de teatro da fundação cultural do estado da Bahia, pela peça teatral 4RUMO, com texto e direção de Romualdo Lisboa, trazendo no elenco os estudantes e professores da escola. No ano seguinte o espetáculo fez temporada de um mês entre Itália e Áustria.

Nesse momento foi possível ver estudantes e professores do campo tendo a oportunidade de conhecer a cultura de outros países. Isso foi possível graças às parcerias com instituições não governamentais, como a Terre des Hommes Suisse e a katholische männerbewegung, também conhecida sob a sigla KMB, ou a subentidade “Sei So Frei” (SSF) entre outras. Depois de sete anos desse trabalho artístico, eu e uma colega recebemos convite para participar de atividades voltadas para a arte educação e aproveitamos a oportunidade paraparticipar de algumas campanhas solidárias e fazer uma avaliação dos nossos trabalhos. Isto foi feito com as instituições que eram nossas parceiras na Suíça, Itália e Áustria. Foi a primeira vez que fiz uma viagem para países europeus e foi um momento de muito aprendizado.

1.2 MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Sou fruto de uma família simples que sempre morou na zona rural e, por ter uma raiz cravada no campo, aprendi desde muito cedo a lidar com a agricultura e os elementos da natureza. Fui à escola pela primeira vez com nove anos de idade. Quando entrei na escola já sabia escrever o meu nome, pois minha mãe me ensinara em casa.

Desde criança, sempre gostei de desenhar no chão, pintar, trabalhar com modelagem (argila colorida) e minha matéria preferida na escola foi Educação Artística. Meu percurso

formativo é indissociável das fundações das escolas onde atuei - nossas histórias se misturam. Por isto, no que segue, incorrerei em algumas repetições para lograr o aprofundamento necessário no que pretendo discutir.

O apreço que tenho pela Educação do Campo e pela Pedagogia da Alternância teve início em minha vida, como citado anteriormente, há pouco mais de 20 anos. Como a Educação do Campo busca expressar a ideologia e a força dos movimentos sociais do campo, no âmbito do fazer educacional, considero importante trazer neste trabalho uma reflexão acerca da importância da linguagem artística. Minha trajetória de vida trás os traços da educação do campo e venho acompanhando o processo e militância por uma escola diferenciada.

Comecei minha vida escolar dando aulas na escola Nova Esperança no assentamento onde minha família mora até hoje. Meu percurso escolar, na primeira fase da formação, foi marcado pelo esquecimento do Estado para com os povos do campo. Apesar das dificuldades encontradas no percurso de minha formação inicial, em 1994, ingressei na Escola Família Agrícola, que trabalhava com a Pedagogia da Alternância no município de Itororó, Bahia. Fiz parte do grupo de jovens da minha comunidade, fui professora da educação do campo na Escola Nova Esperanças que foi construída pelo grupo de jovens e mulheres do assentamento Tuiuty.

No inicio de fevereiro de 1997, comecei a trabalhar na EFA de Ilhéus, e por não ter tido oportunidade de dar continuidade ao curso de magistério tive que me matricular em um colégio estadual para concluir o curso. E, para isso, precisava continuar estudando e trabalhando ao mesmo tempo. Desta forma, eu estudava pela manhã e trabalhava à tarde para dar conta do estudo e trabalho. Concluí o curso de magistério no final de 1997, e continuei trabalhando com as turmas de 5ª a 8ª série ano do ensino fundamental nas disciplinas de Geografia e Educação Artística. Lembro especialmente das práticas pedagógicas na área das Artes. O objetivo da EFA de Ilhéus era proporcionar aos jovens e adultos camponeses uma educação a partir da sua realidade, da sua vida familiar e comunitária.

A Pedagogia da Alternância colaborou na formação pessoal, possibilitando uma aprendizagem através da observação, memória, participação, interesse, discussões, seriedade diante das atividades práticas e teóricas, no contexto socio-político, econômico e cultural, capacidade de apreensãoe crescimento dos estudantes.

A Escola Família Agrícola é um movimento de educação pela transformação do meio e da sociedade através de uma educação contextualizada que leva em conta os pilares básicos para a formação de pessoas criativas, protagonistas e corresponsáveis. Esse modelo de escola

funciona com alguns instrumentos pedagógicos que são fundamentais para um bom funcionamento da pedagogia da alternância. Desta forma, podemos começar falando do plano de estudo que é uma ferramenta muito importante, pois essa atividade proporciona os primeiros passos para os estudantes fazerem a pesquisa que parte de temas geradores que são elaborados a partir de motivação, através de roda de conversa, exposição de questionamentos que são orientados pelos professores no tempo escola. Os estudantes levam as questões para serem respondidas em casa junto à família, à comunidade, ao trabalho ou orientação social no tempo comunidade.

O resultado do plano de estudo possibilita a socialização do saber e dos conhecimentos locais. Esse instrumento trabalha com a valorização da realidade dos agricultores, das famílias, das atividades, da cultura local, do modo de vida e dos seuspróprios valores. Foi na EFA de Ilhéus que eu reafirmei o meu desejo de ser professora e entendi que precisava continuar trabalhando na educação do campo com pedagogia da alternância. Porque foi lá que tive oportunidade de conhecer os instrumentos pedagógicos que mais se identificam com a realidade dos camponeses.

A folha de observação é uma ferramenta que complementa e amplia os estudos dos temas do plano de estudo. Já o caderno da realidade é fundamental para que os estudantes façam a construção sistematizada da sua realidade. Outro instrumento importante é a visita às famílias porque é uma forma de ter um diálogo entre a escola e a família, para discutir sobre as atividades teóricas e práticas agrícolas desenvolvidas no tempo comunidade.

Mas um dos instrumentos com que mais me identifiquei foi a viagem de estudo, porque é uma ferramenta que tem por finalidade conhecer realidades semelhantes e adversas, a observar na prática em ambiente externo, que pode ser na área agrícola, social ou cultural. Foi através desse instrumento que essa escola fazia todos os anos uma viagem de estudo que dava oportunidade de intercambiar experiências interessantes e conhecer realidades diversas.

Estas aprendizagens vão além da sala de aula, pois me recordo que os professores organizavam com os estudantes os lugares possíveis para a visita e as questões a serem pesquisadas e como a escola tinha um trabalho voltado para investigação, os estudantes estavam sempre abertos aos novos conhecimentos. Esse instrumento ficava mais significante porque era um trabalho coletivo, onde todas as disciplinas precisavam estar envolvidas. Naquele período, a disciplina de arte-educação organizava as apresentações de capoeira, samba de roda, maculelê e a mística, com exibições também feitas nas praças e em outros lugares públicos.

Nestas viagens, começávamos o dia fazendo reflexões sobre a realidada vivenciada no

contexto político social. Na agricultura familiar e em outros movimentos sociais populares, a mística é um momento em que se aplica o conceito de vivência, troca de experiências, entre outros significados, vivenciados por cada grupo. A mística refere-se a uma prática que combina elementos religiosos, culturais e simbólicos com o propósito de fortalecer a identidade coletiva, o engajamento político e a resistência da coletividade. A mística é uma forma de expressão e celebração que une os aspectos políticos e espirituais da luta pela reforma agrária e pela justiça social. Ela incorpora rituais, símbolos, canções, danças e representações teatrais que buscam estimular a consciência política, inspirar os militantes e fortalecer os laços de solidariedade entre os membros do movimento. A mística é utilizada em diversas ocasiões, como assembleias, manifestações, ocupações de terra e acampamentos, e tem como objetivo unir e mobilizar os trabalhadores rurais, reafirmando sua resistência e compromisso com a transformação social. Além disso, a mística também desempenha um papel importante na construção da identidade coletiva, ao resgatar e valorizar as tradições culturais populares, os saberes ancestrais e as lutas históricas por justiça e igualdade.

Conforme Bogo (2010), a palavra mística é a representação de mistério. Usa-se geralmente a palavra “mistério” para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas neste caso não é. Mistério para a mística é saber a razão porque na luta as coisas extraordinárias acontecem. O autor destaca ainda que a mística é muito mais. Ela é a motivação que nos faz viver a causa da resistência política até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa.

A escola tinha outras práticas artísticas bem sucedidas, como a confecção de instrumentos de percussão e as apresentações de roda de samba e ciranda, na porta do Teatro Popular de Ilhéus no sul da Bahia, na abertura dos espetáculos. Enquanto professora da disciplina de artes, de um modo geral, pude ensinar e aprender mais o contexto da arte na educação do campo ao me envolver nas atividades artísticas voltadas para a cultura africana, cultura indígena, cultura camponesa, com resgate da ancestralidade. Essas experiências me trouxeram maior interesse pelo ensino das artes.

Na condição de estudante do curso de licenciatura em Geografia, curso criado para os professores/monitores das Escolas Famílias Agrícola que trabalhavam com a Formação por Alternância da rede da Associação das Escolas das Comunidades das Famílias Agrícola da Bahia (AECOFABA), através de uma parceria da Universidade Estadual da Bahia, entendi

que a pesquisa era um elemento essencial na área da Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. Foi nesta perspectiva de uma educação diferenciada para os povos do campo que,em 2007, iniciei meu percurso na pesquisa através do curso de especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, na Faculdade Santo Agostinho, defendendo o trabalho de conclusão de curso intitulado: A Relação Família-Escola no Exercício da Gestão Escolar na Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves em Ilhéus – Bahia. No ano de 2012, voltei à pesquisa através do Curso de Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial do Semiárido Brasileiro na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Formação de Professores, defendendo o Trabalho de Conclusão de curso intitulado: "A Contribuição da Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves para o Desenvolvimento da Região Sul da Bahia". Em 2019, fiz a especialização em Pedagogia das Artes na Universidade Federal do Sul da Bahia.

Além de ter oportunidade de fazer esses cursos já citados, participei de algumas atividades pedagógicas com a fotografia no ensino da arte. No período da pandemia da COVID 19 paraticipei da mostra online das artes na rede como o tema "Assentamento Tuiuty: refazendo a arte de cultivar o campo em momento de isolamento social". http://narede.codigo.xyz/tag/pandemia/ outro trabalho que fiz nessa área foi um ensaio fotoetnográfico no "1º Caderno Manuel Querino de Imagens Etnográficas "https://issuu.com/cadquerino/docs/caderno_manuel_querino_01_2_.

Agora, em setembro de 2023 farei uma exposição de fotografia na I Feira Científica Integrada das Escolas de Campo dos Territórios do Sul da Bahia (Integra Campo), um evento que acontecerá em formato interterritorial envolvendo alguns Núcleos Territoriais de Educação do Estado da Bahia NTE's: Litoral Sul (NTE 05), Extremo Sul (NTE 07) , Costa do Descobrimento (NTE 27) e Baixo Sul (NTE 06).

1.3 ATIVIDADES DOCENTES ARTISTA COLETORA – PROFESSORA AGREGADORA

A escolha do tema desse trabalho teve como motivação a luta e resistência dos povos do movimento social do campo pelo respeito às diversidades culturais e a valorização dos recursos naturais.

1.4 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO TERRA VISTA

A trajetória do Assentamento Terra Vista, foi iniciada no dia internacional da mulher, 8 de março, de 1995**.**

O Assentamento Terra Vista tem 913 ha de terras, está localizado no município de Arataca, no sul da Bahia, é fruto de luta e resistência de famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Segundo Joelson (2020)

> Havia trezentos e sessenta famílias que, no dia 8 de março de 1992, para homenagear as mulheres, ocuparam a fazenda Bela Vista. Quando a gente chegou lá, a fazenda era de três herdeiras, mulheres, que moravam na Vieira Souto, no Rio de Janeiro. Eram donas da terra, do espólio de Elias Cavanhaque, um coronel da região. Foram contradições que chamaram atenção: a data da ocupação foi escolhida para homenagear as mulheres; a fazenda era de três mulheres e eu estava no espírito de vingar minhas duas avós. Foi um processo muito intenso de luta nosso, do MST. Luta e caminhada: de Itabuna a Salvador, nós viemos aqui para o Vale do Aço, fomos para Brasília a pé. Até que conquistamos a terra.

O Assentamento é uma comunidade de população bem diversa. Os (as) assentados (as) fazem parte da Teia dos Povos, que é uma articulação que busca resgatar os saberes tradicionais populares, levando sua população ao reconhecimento de si nesses saberes e fazeres, assumindo, assim sua identidade. Essa articulação busca assegurar a resistências das comunidades, dos povos indígenas, quilombolas, camponeses, extrativistas, assentados e acampados de Reforma Agrária. Joelson (2018, p.8) afirma que:

> Isso foi nos fortalecendo e agora nós estamos construindo a Teia dos Povos. Ela surge porque fomos entendendo que fazer todo esse trabalho sozinhos não adianta nada. Fica uma ilha de sucesso no meio da pobreza, o negócio não vai para lugar nenhum. A Teia não é um movimento, mas uma rede, uma teia, uma aliança entre povos e saberes. Aliança entre populações indígenas, pretas e populares. Por meio daTeia, buscamos construir a unidade dos povos, unidade na diferença.

O Terra Vista tem várias unidades de produção como: plantio do cacau orgânico, chocolate, plantas medicinais, óleos essenciais, sementes criolas e alimentos que fazem parte da soberania alimentar. Além de prezar pela soberania pedagógica. Ainda segundo Joelson, se não temos passado, não temos presente e, não tendo presente, não teremos futuro. Nós começamos a entender que nossa luta vem da luta histórica dos povos originários. Sem a discussão da terra e do território, não é possível trabalhar a agroecologia.

E depois de muitas idas para a capital Salvador, em busca da construção de escolas que dessem conta da especificidade dos assentados (as) e através de muitas lutas e reivindicações em busca de seus direitos, as demandas foram atendidas. Dessa forma as famílias assentadas conseguiram a tão esperada construção de duas escolas: Centro Integrado

Florestan Fernandes e o Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos (CEPFCC Milton Santos), chamada carinhosamente de Escola Milton Santos. Foram construídas com o objetivo de atender aos assentamentos, e às comunidades rurais e urbanas localizadas nos municípios vizinhos. Segundo Joelson (2018, p.22), "a escola para nós tem sido um ponto muito importante. Lutamos pela escola. Primeiro a escola fundamental, depois começamos com a escola de 2º grau, ou ensino profissionalizante." Neste contexto, percebemos que essas escolas do campo surgem por meio da luta e resistência dos assentados e assentadas.

A minha história com o Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate Milton Santos (CEPFCC Milton Santos) iniciou-se quando a Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves de Ilhéus - Bahia, onde sou sócia fundadora, encerrou os trabalhos depois de 15 anos de funcionamento com os anos finais do ensino fundamental, em regime da pedagogia da alternância. Foi a partir desse momento que dei início aos trabalhos com as primeiras turmas do curso em agroecologia em alternância do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, e Programa Profissional Subsequente ao Ensino Médio –PROSUB.

Figura 3: A casa

Fonte: Acervo da autora

Por ser filha de assentados e militantes da Educação do Campo/Pedagogia da Alternância sempre pensei em aprofundar os meus estudos sobre o ensino da arte no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia. Em 2019, fiz o curso de especialização em

pedagogia das artes e, em 2021, dei início ao mestrado no Programa de Pós- Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER.

No Terra Vista, a arte e a agroecologia estão nitidadamente integradas por meio de elos que aliam as bandeiras da resistência, no movimento dos sem terra, o modo de vida e os processos artíticos que estão presentes no sistema agroflorestal, no cheiro da terra, cheiro do alimento preparado pelas mulheres, além do cheiro das plantas medicinais e o colorido das plantas ornamentais.

Como destacado por Boal (2009, p. 22), "Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar." Através de tais pensamentos, percebemos que a fotoraizarte propõe possibilidades múltiplas para a criação artística no contexto do ensino da arte no campo. Essa composição poética traça a relação entre as pessoas e seu lugar de moradia, de luta de identidade e resistência. Nesse sentido, é importante pensar e repensar outras possibilidades do ensino da arte no contexto da Educação do Campo.

A arte, em parceira com os saberes agroecológicos, tem possibilidade de potencializaro ensino no contexto da Educação do Campo. É através dos próprios processos criativos que existe produção rural, como o cultivo das lavouras e as práticas sustentáveis.

No Terra Vista, as duas escolas do campo têm tradição de plantar milho com os estudantes no dia 19 de março, data em que se comemora o dia de São José que, segundo as tradições, é padroeiro dos trabalhadores e das famílias por ter trabalhado como artesão. Todos os anos, essas escolas plantan o milho nessa data para colher no dia do São João, comemorado uma tradição católica em 24 de junho, também um dia de festa que tem muitos elementos da nossa cultura do campo, como as vestimentas bem coloridas, música, dança e principalmente a culinária típica da região nordeste, como o mungunzá,o cuscuz de milho, canjica de milho entre outras comidas afetivas que lembram as receitas dos nossos ancestrais.

Desse modo, podemos observar que o plantio coletivo do milho nessas escolas do campo nos possibilita a ligação entre o ensino de arte e as práticas da agroecologia. Essa atividade artístico-pedagógica faz parte do currículo escolar de forma transversal. Através das teorias trabalhadas em sala de aula, juntamente com as disciplinas interdiciplinares (colaborando com os assuntos dentro das suas especificidades), é possível que todos os cursos ofertados pela instituição possam se envolver nessa atividade, uma vez que tanto os(as) educadores(as) quanto os(as) estudantes colocam em prática as experiências estudadas no decorrer do ano letivo.

Nesse momento prático, os (as) estudantes também trocam seus conhecimentos

estudados e o que aprenderam com os(as) mais velhos (as). A transmissão dos saberes por esses anciãos aos mais jovens desempenha um papel fundamental neste contexto. Essa transferência de conhecimento ancestral representa um valioso legado cultural e histórico que tem sido preservado ao longo do tempo, sendo a escola um local de fundamental relevância para que isso ocorra. Os idosos possuem um vasto repertório de experiências práticas, técnicasagrícolas tradicionais e sabedoria local, acumulados ao longo de suas vidas dedicadas ao trabalho e à convivência com a terra. Essa troca intergeracional promove um ciclo contínuo de aprendizado, onde os jovens têm a oportunidade de absorver e adaptar esses conhecimentos para enfrentar os desafios atuais e futuros da agricultura e do desenvolvimento sustentável. Além disso, essa transmissão valoriza e fortalece a identidade cultural das comunidades rurais, estimulando o senso de pertencimento e reforçando os laços de solidariedade e cooperação entre as diferentes gerações.

Figura 4: Vista aérea do Assentamento Terra Vista em 1998 (à esquerda) e Vista do Assentamento Terra Vistaem 2015

Fonte: https://www.facebook.com/ass.terravista.atv?locale=pt_BR

Nesses registros podemos ver duas imagens do Assenatmento Terra Vista, uma á esquerda foi realizada no ano de 1998 antes da transição agroecológica e outra imagem à direita foi feita no ano de 2015 depois da trasição.

Hoje o Terra Vista tem um cenário de floresta com uma área de aproximadamente 313 ha de Mata Atlântica preservada. Além de 300 ha de cacau cabruca que há 15 anos vem fazendo a transição agroecológica, hoje, a comunidade está certificada pelo IBD- Instituto Bio Dinâmica. Nesta rilagação da transição agroecológica, assentados e a educação do campo possibilitam outras formas de pensar e repensar atraves das lutas e resistências. Nesta perspectiva,

> também uma forma de construção e gestão das políticas públicas que fortalece os sujeitos coletivos em suas práticas, sem a tutela pedagógica e política do Estado. Processos de produção agroecológica, assim como processos educativos dos trabalhadores camponeses e das escolas do campo, devem ser geridos coletivamente pelos seus próprios sujeitos. As lutas por recursos do fundo público a que têm direitocomo membros da sociedade continuarão sendo feitas enquanto se estiver sob relações sociais de desigualdade. (CALDART, 2021, p.360).

Neste contexto, a autora destaca a relação da educação do campo e da agroecologia e das lutas, da produçaõ e da formação coletiva do povo do campo.

1.5 REDE DE LINGUAGEM DA ARTE POLÍTICO-SOCIAL

A linguagem da arte no contexto da Educação do Campo e da Agroecologia, juntamentecom outras manifestações artísticas, possibilita uma fonte de ensino-aprendizado que resultam em poéticas encontradas na floresta, nos rios, na terra, no ar e na forma de vida das pessoas que vivem no campo. O ensino da arte visual no campo possibilita o envolvimento de grandes variedades de linguagem voltadas para a pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, fotografia e composição artística. Nesse cenário, a arte contemporânea nos permite a experimentação da produção artística que vai além da sala de aula e que dá conta da especificidade dos camponeses.

A arte atenta-se para compreender as ações contemporâneas e suas mudanças. Desse modo, é preciso pensar um ensino da arte no campo que possibilite a expansão do ensino-aprendizagem para além da educação hegemônica, reconhecendo formas de linguagens artísticas diversas e articulando o ensino às especificidades locais. Ao referir-se à arte realizada no contexto do campo, a pesquisadora Eliane Prado destaca que o artista "[...] necessita de algum grau de reconhecimento de sua genialidade, de sua criatividade para poder continuar existindo" (PRADO, 2016 p.189). Partindo dessa premissa, precisamos continuar a luta por um ensino da arte no campo que reconheça as linguagens artísticas das mulheres do campo.

A arte política pode ser uma forma de protesto e resistência diante das desigualdades sociais e ambientais enfrentadas pelos povos do campo. A arte pode ser uma voz para a luta por justiça e transformação social. Segundo Bogo (2000 p.24), "Nossa cultura ainda deve assimilar a linguagem das plantas, dos animais e das águas para poder dialogar em pé de igualdade com todas elas. Ainda segundo Bogo (2000 p.24) "Como não aprendemos a falar a língua das plantas e das minhocas, e estas não usam nossa caligrafia, pensamos que elas nada têm de importante a dizer sobre sua existência. [...]". Através do conhecimento das artes podemos dar um novo sentido às atividades artísticas nas diversas áreas rurais. Sobre esse

aspecto, ressalta Bogo:

> "(..)A voz do corpo é semelhante à voz que sai da garganta. A voz dos pássaros é a mesma que a voz dos poetas. A voz das árvores é a mesma que a voz das crianças. A voz das cores é a mesma que a voz da luta, da resistência e da transformação, quem pode confirmar isto é a consciência estética que desenvolvemos em nós. Todos os objetos se comunicam entre si ou com o ser humano(...)".(BOGO,2000,p.81)

O ensino da arte no contexto rural desempenha um papel significativo ao oferecer aos estudantes a oportunidade de se engajarem em ações de intervenções artísticas que utilizam a linguagem da natureza como meio de expressão. Essa abordagem pedagógica visa não apenas desenvolver habilidades artísticas, mas também cultivar a criatividade, sensibilidade, imaginação e percepção dos estudantes. No contexto específico da educação no campo, a produção de obras de arte adquire uma dimensão mais ampla, pois possibilita o diálogo com os meios sociais que conservam e transmitem as tradições, os costumes, as crenças, os valores e a memória intrínsecos à vida camponesa.

Dessa forma, as obras de arte criadas pelos estudantes não apenas refletem a identidade e a cultura local, mas se tornam instrumentos de preservação e valorização do patrimônio cultural rural, permitindo que as tradições e conhecimentos sejam transmitidos às gerações futuras de maneira significativa e enriquecedora. Nesse sentido, o ensino da arte no campo assume um caráter integrador, promovendo o engajamento com a comunidade, o fortalecimento da identidade cultural e a valorização das práticas e saberes ancestrais.

Além destes aspectos, é importante ressaltar que a arte está presente nos assentamentos por meio da luta política e cultural, como se pode atestar no hino do MST e nas letras das músicas de vários compositores do movimento social do campo. Desta forma: "Uma das experiências mais importantes da história coletiva de produção artística e cultural é a mística [...]", destaca NOGUEIRA (2016, p.137). Nesse sentido, outro aspecto importante a ser destacado é a mística na produção artística, política e social que é construída no contexto comunitário com muito amor, criatividade, inovação, vivência, sensibilidade, reflexão e ação na busca de uma autonomia estética. Segundo Bogo: "A arte é a capacidade que o ser humano tem de criar. Logo, temos capacidade de criar músicas, mas também criamos as lutas, as escolas, os barracos, as casas, o método de fazer reuniões, as marchas, etc." (2000, p. 6)

Desta forma, podemos destacar ainda que a bandeira no MST busca afirmar valores na perspectiva estética e realista. Para o Bogo (2000, p. 43), "A bandeira do MST é pintada nas paredes dos galpões, casas e escolas. Não há uma praça de assentamento que não esteja lá

uma bandeira dançado ao sopro do vento, contrastando com o verde da vegetação em terra.[...]". Nesse contexto, a bandeira do MST tem a cor vermelha, branca, o verde e uma imagem do homem e da mulher, o mapa do Brasil e um facão como representação de uma ferramenta do trabalho, de luta e resistência.

A relevância da arte política e social presente no movimento dos sem terra tem possibilitado performances que levam ao fortalecimento das lutas e resistências dos povos. Bogo continua afirmando que:

> Os artistas e poetas assumem nesta área, a condição de líderes políticos, por isso a estética sendo a arte de desenvolver o belo, está profundamente ligada à ideologia, não existe obra de arte sem representação, por onde a mensagem passa desenhada, esculpida ou musicada, dizendo algo que toca a profundidade da consciência humana que sente prazer em poder chegar cada vez mais próximo da beleza. (2000 p. 79)

Dessa forma, o ensino das artes no campo deve se tornar um espaço vivo, com cores, sons, cheiros, beleza visual e estética vibrantes. A arte precisa sair da sala de aula e buscar as experiências vivenciadas pelas pessoas que convivem no campo. A ação da arte no campo pode contribuir para a composição de um museu vivo que expõe a memória, cultura e história de resistência de um povo que tem sua beleza própria.

1.1 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO

É possível notar que a preocupação com as questões das relações étnico- raciais teve impulso por uma necessidade detectada pelo movimento negro, com reflexos em sua ação política e até mesmo na educação. A esse respeito Gomes declara que:

> É sempre importante retomar o papel da Frente Negra Brasileira. Essa associação de caráter político, informativo, recreativo e beneficente surgiu em São Paulo, em 1931, com intenções de se tornar uma articulação nacional. Composta por vários departamentos, promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos. Visava, também, a integração dos negros na vida social, política e cultural, denunciando as formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira daquele período. Em 1936, transformou-se em partido político. Porém, acabou extinta em 1937, devido ao decreto assinado por Getúlio Vargas que colocava na ilegalidade todos os partidos políticos. (GOMES, 2012, p. 737)

Desse modo, a educação para o povo negro em nosso país tem sido marcada pela luta política. Conforme Gomes (2012) "A atuação do movimento negro na educação também se deu nos fóruns decisivos da política educacional." Para Candau (2018, p. 131), a Didática Crítica Intercultural assume claramente que: "O importante é reconhecer a existência de diversos saberes e conhecimentos no cotidiano escolar e procurar estimular o diálogo entre eles, assumindo os conflitosque emergem desta interação". Nesse sentido, viabiliza a incorporação de diferentes universos culturais dentro da escola, que é compreendida como

espaço dinâmico, vivo e plural.

Figura 5: O ENSINO DA ARTE NO CAMPO

Fonte: Acervo da Autora

CAPÍTULO II

2.1 ARTE CONTEMPORÂNEA

Pensar a arte contemporânea no contexto da educação do campo não é somente uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, mas possibilita outras formas de linguagens artísticas para além do cânone ocidental. De acordo com Koneski, (2011, p.90) “não é mais possível pensar o mundo como antes, e, igualmente, pensar a arte como uma produção humana restauradora do mundo e integradora da humanidade numa universal totalidade”.

Desta forma, percebemos que educação do campo pode utilizar a natureza que está no entorno da escola como um instrumento pedagógico que pode auxiliar no fazer artístico, levando em conta a realidade do povo do campo. Um dos caminhos que podem nos levar a uma educação contra hegemônica no contexto da educação do campo é a arte contemporânea.

Na visão de Paiva (2021, p.4), “No campo das artes brasileiras, falar em decolonialismo significa contextualizar a complexidade dos sistemas simbólicos que amparam e definem as engrenagens sociais”. Assim, é possível perceber a importância da fluidez da arte nas escolas do campo, que há muito tempo vêm buscando uma educação que valorize o ambiente em que os estudantes estão inseridos.

Para Andrade (2002, p. 31-32), a imagem fotográfica está mudando a compreensão da representação do mundo. Pensar a imagem fotográfica como instrumento que favorece o reconhecimento das poéticas das mulheres do campo é uma das possibilidades transformativas das linguagens estéticas contemporânea no campo.

Segundo Ciavata (2023):

> As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado. São as múltiplas relações sociais (culturais, técnicas, científicas, econômicas, políticas etc.) que constituem o objeto na sua totalidade. O exercício de compreensão da fotografia como fonte de pesquisa, além dos dados básicos de identificação, contexto e da análise dos aspectos formais, supõe a aproximação com os processos sociais que permitem explicitar a história que guardam em si, o que está oculto na aparência da representação fotográfica. (CIAVATA,2023.p.23)

Dessa forma, a fotografia pode se transformar em uma ferramenta potente de pesquisa e análises. Portanto, a arte contemporânea pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer os valores da Educação do Campo e da agroecologia, estimulando a criatividade, a reflexão crítica e a transformação social.

2.2 ARTE E ESTÉTICA DA FLORESTA

Sabe-se que o ensino da arte vem apresentado mudanças e renovação a cada dia. Nesta reflexão, pode-se observar a possibilidadede de articular as práticas artísticas ao contexto da escola do campo. A estética da floresta pode ser uma inspiração para a arte contemporânea. A floresta é um ambiente rico em biodiversidade e em saberes e fazeres tradicionais da vida no campo. A arte pode resgatar esses saberes e fazeres e apresentá-los de uma forma criativa e inovadora.

Na análise das possibilidades, deve-se levar em consideração a viabilidade e as estéticas diversas. “Mignolo (2010, p.20, Apud PAIVA 2021) destaca que a palavra “aesthesis”, do grego antigo, significa vocábulos como sensação, processo de percepção, sensação visual, sensação gustativa, sensação auditiva.” Nessa discussão pode-se, ainda, apontar a importância de repensar o ensino da arte no campo, de forma a torná-lo protagonista no processo de ensino-aprendizagem, estimulando sua aplicação no desenvolvimento humano e sua importância significativa na formação dos indivíduos, ajudando-os a expressar suas ideias, aprimorar suas habilidades e compreender melhor o mundo que os cerca, isto é, o mundo do campo.

O ensino da arte, quando adaptado às caractéristica específicas e às necessidades das escolas localizadas em áreas rurais, pode promover uma educação mais relevante, inclusiva na realidade dos estudantes. A estética da floresta oferece uma fonte rica de isnpiração para a arte contemporânea, proporcionando um terreno fértil para a expressão artística.

A relação entre arte e a estética da floresta representa uma abordagem criativa e reflexiva que destaca a beleja, complexidade e importância dos ecossistemas florestais. A estética da floresta na arte vai além da representação visual, envolvendo uma conexão mais profunda com os valores culturais, ecológicos e espirituais associados às florestas.

Nesse contexto o repensar do ensino da arte no campo como uma abortagem protagonísta no processo de ensino-aprendizagem é funadamental para proporcionar uma educação mais inclusiva e homologada ás necessidades e realidades dos estudantes de áreas rurais.

Figura 6: Arte da floresta

Fonte: Acervo da autora

Segundo Paiva (2021, p.8), ”As expressões estão, antes, ligadas à esfera do sagrado e da espiritualidade, e impregnado de memórias, sensações, ruídos, cores de seus ancestrais”. A integração da arte com as comunidades rurais abre várias possibilidades para o ensino da arte no campo, promovendo mudanças na construção do conhecimento, na produção e mediação do processo de ensino e aprendizagem, que por meio do conhecimento das artes, gera um novo sentido às atividades artísticas nas diversas áreas rurais. Como afirma Silva in NOGUEIRA (2016, p.181), “Trata-se de um espaço de recuperação da utopia em relação ao fazer artístico, problematizados que a função da arte está também no apenas fazer arte, pintando com outras cores a espontaneidade e a criação artística”.

De acordo com Bogo (2000 p. 36) “ [...] a estética se torna importante para a vida humana, pois ela está ligada ao desenvolvimento da criatividade e da capacidade de sentir, estes elementos formarão as características da consciência estética.” Desse modo, o ensino da arte no campo precisa estar atento à realidade do seu entorno e possibilitar a articulação da estética da floresta com os corpos femininos, no sentido de propiciar uma maior visibilidade ao movimento social do campo e político, produzindo sentidos e significado das lutas e resistências das mulheres assentadas.

Para Bogo, (2000 p.37) “A obra de arte de um camponês Sem Terra não se encontra em paisagens pintadas ou em escritos filosóficos que se tornam obras, masna paisagem real que se torna poesia. [...]” O ensino da arte em um assentamento do movimento social do campo precisa estar presente no nosso cotidiano nas nossas casas, nos rios,nas florestas, nos plantios e colheitas. Sobre essa especificidade Bogo diz:

> A beleza em nossos assentamentos não é para ser comercializada, mas simpara demonstrar que caminhamos rumo à reconstrução da vida com operfume das flores cultivadas, com o único objetivo de perfumar o caminho neste quadro de arte pintado pelas mãos de um desconhecido, que usou a enxada e os dedos como instrumentos básicos da edificação desta grande obra. (...)”.(BOGO,2000,p.37)

Nesse processo, o ensino da arte no campo vai possibilitar uma prática social criativa que permite visibilizar estéticas, memórias e identidade. Segundo Bogo (2000 p.76 e 77): Encontrar o belo que existe dentro de cada pessoa, o belo que existe na convivência social, o belo das flores do campo, da natureza livre, o belo do modelo de nossas casas, dos quintais e dos jardins e fundamentalmente, o belo da existência de nossos sonhos (2000, p.76 e 77)

Dessa maneira, podemos possibilitar um ensino da arte no campo que pode dar conta das particularidades e experiências da consciência estética. O ensino da arte no campo precisa compreender as formas de perceber a variação de sensações visuais, tátil, gustativa e olfativa

que são encontradas nas comunidades camponesas. No próximo tópico, será apresentado o cenário das artes dos fazeres da vida do povo campo. Em especial, dos saberes das mulheres.

2.3 ARTE DOS FAZERES DA VIDA NO CAMPO

Esse cenário da arte dos fazeres da vida no campo nos leva a repensar o ensino da arte no contexto da educação. Em conformidade com esse pensamento é possível possibilitar vivências culturais diversas e ampliar os conhecimentos em arte através dos vínculos com as memórias, saberes, fazeres das mulheres camponesas. De acordo com Ferreira e Felício (2021, p. 84),“ [...] “cabe à nossa escola fortalecer os sabedores (mestres e mestras) e suas artes e técnicas, difundindo-as entre as novas gerações.” Assim, pode-se perceber que a educação do campo precisa estimular os saberes dos mestres e mestras dos saberes. Desse modo, o ensino da arte é um instrumento que viabiliza ao povo do campo adquirir conhecimento da diversidade e sua realidade social, como afirma Bogo: A arte, ao mesmo tempo em que retrata esta combinação entre o real e o ideal, reflete a ideologia de classe; se o artista tiver esta preparação e percepção. Um artista que ignora a realidade social reproduz apenas sentimentos distorcidos (BOGO, 2002, p. 140).

A integração do ensino da arte no contexto da educação do campo abre várias possibilidades de práticas voltadas para a realidade dos estudantes, promovendo mudanças na construção do conhecimento e no processo de ensino aprendizagem.

Figura 7: Esquema da dinâmica da fotoraizarte

Fonte: Adriene Viana Lima

2.4 EDUCAÇÃO DO CAMPO, PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O MOVIMENTO SOCIAL DO CAMPO

> **“**Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola,de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida comela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver,todos os dias misturamos a vida com a educação.”
>
> Carlos Rodrigues Brandão

De acordo com Caldart (2008), a Educação do Campo nasceu como mobilização e pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas. O movimento se estruturou sob a premissa de que o campo precisa de escolas que compreendam a realidade das pessoas que ali residem, visando maior desenvolvimento dessa população. Conforme escreve o geógrafo Bernardo Fernandes:

> O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar trabalhar, estudar, com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território doscamponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e, sobretudo de educação. (FERNANDES, 2004, p. 137).

Assim, o autor chama a atenção para uma reflexão de como o campo é amplo, que não é um lugar de atraso e, sim, um lugar de prosperidade e transformação. Para o desenvolvimento do território camponês é necessário uma política educacional que entenda sua diversidade e amplitude e veja a população camponesa como protagonista, propositiva de políticas.

Molina e Freitas (2011, p.19) ressaltam que:

> Tendo sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistir à expropriação de terras, a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação. (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 19).

Como se percebe, o campo é um lugar de grande diversidade e, por isso mesmo, não podemos mais aceitar uma educação que não dê conta dessas diferenças.

A pedagogia da alternância tem um projeto educativo que possibilita uma educação contextiualizada com o estudante do campo. A respeito da educação do campo e a pedagogia da alternância, Hage, Rocha e Michelotti ressaltam que,

> O movimento da Educação do Campo, já em suas primeiras experiências, teve na pedagogia da alternância uma referência para organizar o trabalho pedagógico, mas na perspectiva de articular a escola com o território. O que significa dizer relacionar a escola com os sujeitos e suas organizações sociais (incluindo a família) em seus diferentes espaços e temporalidades. Essa intencionalidade deu origem aos termos tempo escola ou tempo universidade e tempo comunidade (HAGE; ROCHA; MICHELOTTI, 2021.p.430),

A pedagogia da alternância tem uma proposta de atividade participativa, pois permite que jovem camponês experimente as vivências do cotidiano, ou seja, "[...] parte da experiência da vida cotidiana (familiar, profissional, social) para ir em direção à teoria, aos saberes dos programas acadêmicos, para, em seguida, voltar à experiência, e assim sucessivamente" (GIMONET, 2007, p. 16). Essa pedagogia tem uma metodologia bem mais ampla do que o padrão de outros tipos de educação. Além disso, essa forma de ensino busca compreender e valorizar o ambiente do cotidiano dos estudantes.

Nesse mesmo sentido, Hage, Rocha e Michelotti, afirmam que:

> A formação em alternância reconhece que diferentes tempos, espaços e saberes são educativos e, portanto, todos contribuem com a formação dos sujeitos do campo. Essa compreensão provoca mudanças na dinâmica da organização dos processos educativos, da organização do trabalho dos educadores e educadoras, da organização e planejamento curricular e dos processos de produção do conhecimento. (HAGE; ROCHA; MICHELOTTI, 2021.p.431),

Dessa forma, a metodologia tem uma preocupação com a aprendizagem do estudante em vários momentos, desde quando está com a família no campo até quando chega à escola sem perder de vista as várias formas de aprender.

De acordo Ferraz (2018), os movimentos sociais do campo compreendem o campo como produtor de vidas, naturais e humanas. Assim concebido, constitui-se em um lugar de produção de culturas, saberes, escola, formação, transformação etc.

A população do campo caracteriza-se por uma pluralidade étnica e tem o anseio de continuar usando a arte de cultivar a terra, de fazer as festas, comidas, artesanatos, práticas agrícolas entre tantos outros hábitos dos povos afro-brasileiros e indígenas. As lutas dos movimentos sociais podem contribuir como mais uma forma para a valorização das nossas raízes, considerando-se as exigências da Lei 10.639/2003, da Lei 11.645/2008, e acima de tudo procurando conhecer a históriadas diversas culturas.

Conforme Ferraz (2018), "acontece que, historicamente, a Educação do Campo não foi

colocada em pauta pelos governos. Não houve debates específicos sobre a educação para os sujeitos que residiam no meio rural, menos ainda sobre as especificidades dessa modalidade educacional."

Para Ferreira e Felício (2021, p.82),"[...] O povo, a organização, o território, a comunidade são os sujeitos da aprendizagem. E isso não significa obliterar a experiência individual, mas construí-la na experiência coletiva." Percebemos que esse tipo de educação possibilita uma aprendizagem mais ampla. De acordo com Fernandes, Cerioli e Caldart (2009), a Educação do Campo precisa ser uma educação diferenciada. Mas, sobretudo, deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade. Deve conceber e visar uma humanidade mais plena e justa, partindo da história e da realidade onde etsão os sujeitos reais (FREIRE, 2011).

Nesse contexto, são expressivas as memórias de morar na roça, escutar as histórias de onça, de caçador, as cantigas de roda, o fogão à lenha, fazer os biscoitos de goma, as rezas, a música caipira, as ladainhas e tantos outros fazeres que são até hoje passados de geração para geração, e que pela sua riqueza cultural merecem ser registrados para que não fiquem apenas nas lembranças imateriais. Segundo Ferreira e Felício (2021, p.64), " aos poucos, na medida da força do território, é preciso construir nossa própria educação. Há que construir uma soberania pedagógica e, até diríamos, uma soberania cognitiva". Sendo Assim, é possível pensar em um processo educativo emancipador.

De acordo com Brandão (2007), a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais, que a criam e que a recriam, entre tantas invenções de sua cultura. Sendo assim, são tão diversos os modos de educar quanto à diversidade cultural e de grupos que compõem determinada sociedade.

2.5 REGISTROS DE MEMÓRIAS E POÉTICAS DA RESISTÊNCIA

Ao longo dos séculos, as mulheres no Brasil foram consquistam cada vez mais espaços e direitos. Devemos valorizar e reconhecer o trabalho árduo e importante das mulheres na construção e desenvolvimento do nosso país. E pensando na situação das mulheres camponesas observa-se quê as lutas e resistências são marcadas por muitos desafios principalmente quando se trata das jornadas duplas de trabalho, dentro e fora dos seus lares. Como bem escreve Gonzalez (1984, p 230) "Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega

sua família e a dos outros nas costas.” Nesse sentido, a escola do campo pode se tornar um lugar de leitura e releituras de vivências das mulheres e dos seus saberes ancestrais. Além de suas contribuições para a agricultura, as mulheres do campo também desempelham um papel importante no trabalho doméstico. É imporatnte reconhecer e valorizar o conhecimento e as habilidades das mulheres que vivem em áreas rurais

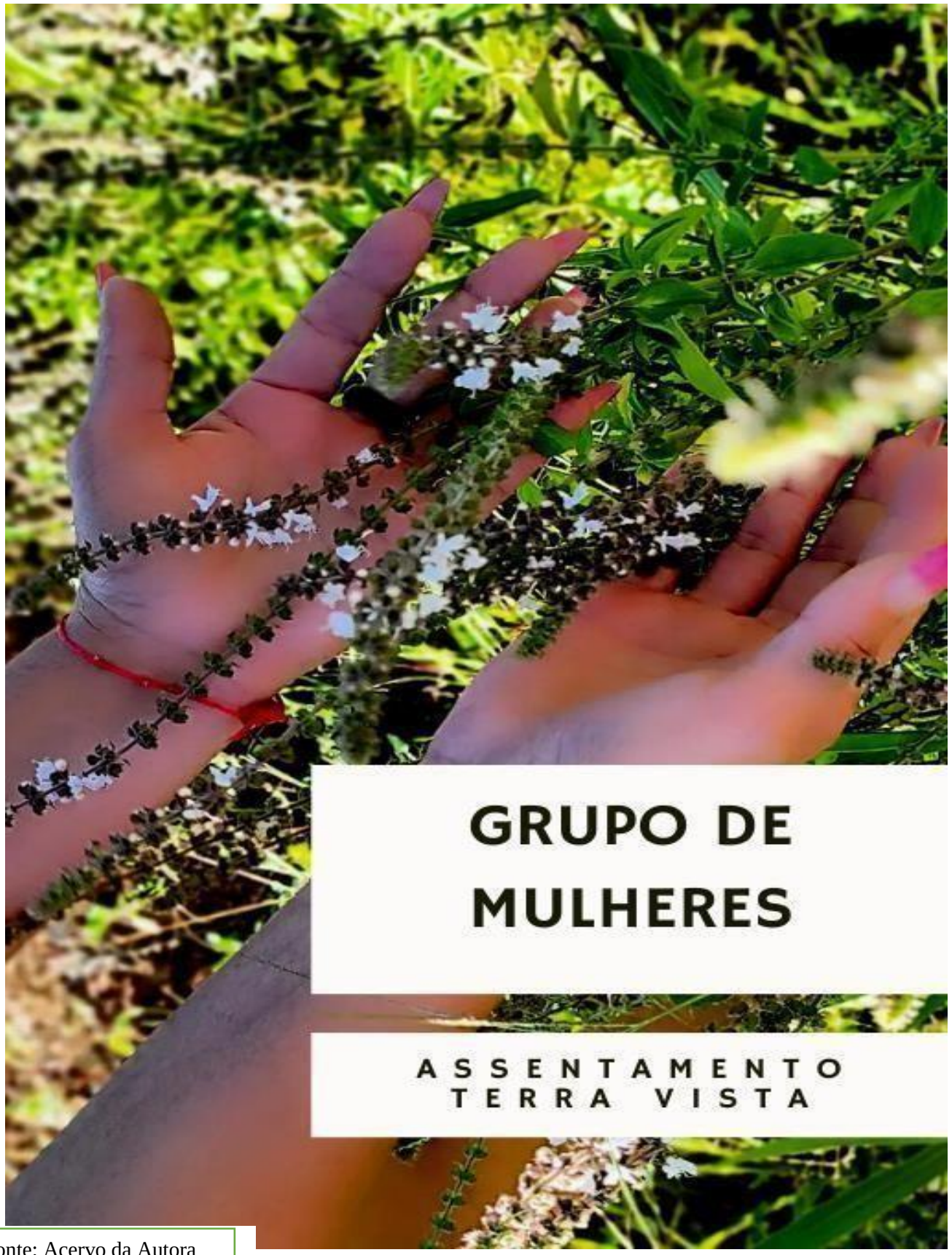
Martins (1997) enfatiza quê as encruzilhadas das culturas brasileiras (especialmente quando se fala das culturas afro-brasileiras) são capazes de tecer as identidades dos sujeitos que nelas se constituem. Para a autora, é por meio dos processos de ritualização e reatualização dos pensares-saberes-fazeres (que ocorrem por meio de falas, gestos, ações e expressões nos diversos espaços e práticas rituais, sejam eles cotidianos ou extracotidianos) que essas identidades são pensadas, moduladas e organizadas.

De acordo com Louro (1997) e Braga (2007), o termo gênero passou a ser usado com o propósito de marcar as diferenças entre homens e mulheres, que não são apenas de ordem física e biológica. Desse modo, o conceito de gênero não pode ser resumido aos papéis que são socialmente atribuídos a mulheres e homens. Como se vê, é possível fazer uma prática artística voltada para intervenção fotográfica dos saberes, memória e as poéticas das mulheres assentadas. Como afirma Andrade (2002, p. 31-32), “a imagem fotográfica está mudando a compreensão da representação do mundo”. Pensar a imagem fotográfica como instrumento que favorece o reconhecimento das poéticas das mulheres do campo.

De acordo com Ferreira e Felício (2021, p.124), “quando vamos ampliar a rede de sementes em uma pré-jornada ou mutirão, sempre convidamos as companheiras para serem guardiães das sementes”. Com isso, é importante destacar a potência e resistência das mulheres assentadas. Elas têm assumido várias atividades que vão desde os trabalhos domésticos, as práticas agrícolas e as trajetórias de lutas.

NOGUEIRA (2016 p.189). Nesse contexto, percebe-se a importância de pensar e repensar propostas pedagógicas dêm conta da especificidade da educação do campo, a partir das vivências dessas mulheres.

Figura 8: Grupo de Mulheres Arte da Terra



Fonte: Acervo da Autora

Um ensino de arte no campo permite que o estudante possa construir seu conhecimento através das experiências relacionadas às lutas das mulheres por um lugar de mais escolaridade, do antirracismo e o reconhecimento da potencialidade imensa que as mulheres têm de engajamento nas lutas por valorização dos vários papéis que são assumidas por eles no dia a dia, funções essas que a Beatriz Nascimento expõe a seguir:

> A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão de obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra "um destino histórico". É ela quem desempenha, em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações detrabalho evocam as mesmas da escravocracia. (NASCIMENTO, B., 2007, p. 128)

Nas reflexões em torno da valorização dos trabalhos das mulheres negras através das artes visuais no contexto das comunidades rurais, é possível perceber que existem técnicas e formas do fazer artístico transformador. O ensino da arte precisa continuar promovendo o desenvolvimento de ações que possibilite o estudo sobre que contribua para a visibilidade das mulheres camponesas. De acordo com Conceição Evaristo (2003), "[...] é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e desobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias".Dessa forma, podemos concluir são muitas as batalhas que as mulheres enfrentam e a família tem uma grande contribuição na luta das mulheres negras em nossa sociedade.

No Assentamento Terra Vista, a arte e a agroecologia estão nitidadamente integradas por meio de elos que aliam as bandeiras da resistência, o modo de vida e os processos artíticos. Conforme destacado por Boal, (2009, p. 22) "Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar." Através de tais pensamentos, percebemos que a fotoraizarte propõe possibilidades múltiplas para a criação artística no contexto do ensino da arte no campo.

FIGURA 9: DIAGRAMA

Fonte: Acervo da autora

A fotoraizarte possibilita um ensino da arte que envolva os saberes populares,culturais, política, valorizando a estética da floresta e as poéticas das mulheres e do bem viver. O ensino da arte na perspectiva da fotoraizarte proporciona um ensino-aprendizagem que envolve os saberes e fazeres agroecológicos, a resistência, a memória e as potencialidades artísticas encontradas no campo.

CAPÍTULO III

3.1 ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA AGROECOLOGIA

A escola do campo precisa de um currículo escolar que contemple conteúdos vivos e

experiências agroecológicas, culturais e artísticas. Os movimentos sociais, em especial o Movimento Sem Terra (MST), têm experiência vasta na agroecologia com uma forma de vida, luta e resistência em busca do "bem-viver". Segundo Bonin (2015), trata-se de uma filosofia com reflexos muito concretos, que sustenta e dá sentido às diferentes formas de organização social de centenas de povos e culturas da América Latina. Sob os princípios da reciprocidade entre as pessoas, da amizade fraterna, da convivência com outros seres da natureza e do profundo respeito pela terra, os povos indígenas têm construído experiências realmente sustentáveis que podem orientar nossas escolhas futuras e assegurar a existência humana.

A Educação do Campo possibilita uma reflexão sobre os caminhos que se cruzam na construção do ensino da arte que potencializa o modo de vida e compõe a articulação entre a agroecologia e sua dimensão pedagógica em uma escola do campo. De acordo com Caldart (2008), a Educação do Campo nasceu como mobilização e pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas.

A encruzilhada entre a educação do campo e a agroecologia é fundamental para o fortalecimento dos povos do campo em especial para as mulheres e a juventude. Conforme Caldart (2021.p.361): "Agroecologia e Educação do Campo são nomes femininos de processos que entrelaçados se fortalecem. E germinam futuro". Essa adesão de saberes nos leva a ampliar o nível de conhecimento científico, popular, cultural, social, político e educacional. Segundo Caldart: "Pauta junto o trabalho associativo entre famílias e comunidades camponesas. E, em particular, redefine o papel das mulheres e da juventude nos processos de trabalho que visam restaurar a interação entre ser humano e natureza." (Caldart, 2021, p.358)

Ao refletirmos sobre a atuação da mulher e da juventude no trabalho no campo, percebemos que a educação e a agroecologia podem contribuir muito para o bom relacionamento do ser humano com a natureza. Um dos componentes curriculares que está aberto a ser um elo entre Agroecologia/Educação do campo é o ensino da arte no campo. São várias as possibilidades de práticas artísticas e educativas dentro de um sistema agroecológico; entre elas, a confecção de horta em forma de mandalas, a produção de sementes utilizadas em artesanatos, elaboração de óleos essenciais e sua relação com as subjetividades femininas.

As atividades artístico-pedagógicas promovidas por este trabalho partiram da prática fotográfica dos camponeses em especial das mulheres assentadas. Neste contexto, o ensino da

arte no campo alia práticas artísticas a agroecologia de uma forma significativa para as mulheres, os estudantes e a comunidade. Essas ações têm o objetivo de levar as mulheres e estudantes a registrarem, por meio de fotografias, os instrumentos de luta, as condutas de resistências e a memória do campesinato. Fotografar as cozinhas, os fornos de bolo, o fogão à lenha, os prédios escolares, as frases com palavras de resistência estampadas nas paredes, as bandeiras do Movimento Sem Terra – MST, expostas nas resistências dos moradores, os plantios, entre outros inúmeros elementos que são símbolos de resistência, pode ser o instrumento pedagógico por meio do qual as mulheres, os estudantes e a comunidade têm a oportunidade de conhecer e reconhecer a fotoraizarte e as experiências agroecológicas produzidas por eles mesmos, que muitas vezes não são reconhecidas pelas escolas.

A agroecologia possibilita várias formas de aprendizagem, que podem contribui para uma melhor forma de vida no campo. E o ensino da arte no campo possibilita a reafirmação da identidade cultural e do resgate da ancestralidade do povo do campo. De acordo com Paulo Freire (1996, p.24) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Desta forma, o ensino da arte e a agroecologia têm possibilidade de encontrar outras formas de ensinar e aprender a fazer a arte com outro olhar sobre os fazeres e saberes das mulheres.

,

Figura 10: CAMINHOS

Fonte: Acervo da autora

Figura 11: As Tramas

Fonte: Acervo da autora

Este registro mostra as tramas das linhas que potencializam a construção da soberania popular e defendem a ancestralidade. Coser os retalhos com pontos baixos e altos na busca dos saberes e fazeres das mulheres. Transformar fios em pequenas obras de arte através dos entrelaçados.

Esses bordados foram feitos na oficina de bordados com os estudantes e assentadas.

3.2 PRÁTICAS APLICADAS

Relatarei, a seguir, a aplicação de minha metodologia na turma já citada. Adianto que este relato não se pretende uma fórmula geral de Ensino de Arte no Campo, mas, sim, um conjunto de apontamentos de possibilidades concretas neste contexto onde cresci e onde me fiz professora. A intervenção elaborada trata-se de uma oficina de fotografia, outra bordados livres, e confecções do caderno da realidade que foi realizada, entre os meses de maio a dezembro de 2022.

No primeiro momento utilizamos a técnica do espelho para enquadramento dentro de outro enquadramento, dessa forma foi possível capturar as fotos mais interessantes e cativantes. Durante a realização deste trabalho, empreendemos diversas ações. Uma dessas ações foi à utilização da fotografia com o espelho como forma de aprendizagem artística pelos estudantes do curso profissionalizante em agroecologia em alternância.

Essa experiência nos possibilitou um diálogo do ensino de arte no contexto da educação do campo/Agroecologia, tecendo uma reflexão a partir de um olhar para a estética da floresta. Isto corrobora o que afirma Larrosa, (2002, p.19) "[...] O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido."

A experiência foi desenvolvida através da prática fotográfica como proposta pedagógico/metodológica da fotoraizarte mesclando o ensino da arte, política, experiências agroecológicas, culturais e artísticas, saberes populares e dos cuidados e afetos coletivos. A proposta prática consistiu em que os estudantes e assentadas utilizassem seus próprios celulares para fazerem os registros.

Figura 12: ARTE, NATUREZA, MULHER E AGROECOLOGIA

Fonte: Adevan de Jesus Souza

O primeiro elemento que chama a atenção são as cores: verdes, no interior e amarelo, nas bordas efeito muito importante para caracterização dessa planta. O registro fotográfico na frente de uma parede com cor clara mostra um vaso de vidro como algumas folhas da espada de ogum e outro vaso de argila no canto da parede.

Essa composição faz parte de um álbum de registro de planta que possui significado importante para as religiões de matrizes africanas, a folhagem serve como um amuleto de proteção. Muitas pessoas também utilizam a espada-de-são-jorge como uma forma de afastar energias negativas de um determinado ambiente, bem como “barrar” a entrada de más energias, por isso, é muito usadas próximas às portas e portões. Além disso, essa planta é muito utilizada nas casas das assentadas.

Figura13: RECIPIENTE DE CERÂMICA

Fonte: Andreia Simões

A fotografia acima retrata um recipiente de cerâmica feito de argila cozida. O registro foi feito em ambiente interno, a foto retrata uma parede de cor vermelha desfocada ao fundo. A textura da parede com aspecto tranquilo e na cor de tom terroso busca evocar a conexão na

natureza. À frente da parede, num plano mais próximo da câmara fotográfica, na porção inferior esquerda da foto, está uma mão de uma mulher segurando uma vazinha de barro com algumas grafimos.

A produção dessa imagem ocorreu nos espaços da sala da casa onde a assentada mora com seus dois filhos, que foi convertido em um dos "cenários" da nossa experiência artística, ou seja, um "lugar praticado" (CERTEAU, 1998, p.202), onde os elementos constitutivos principais foram à mão da assentada e o seu vaso de argila que foi confeccionado por ele. Desse modo, o lugar onde foi feito uma composição fotografica é o mesmo lugar onde a família de assentado produz os alimentos.

Figura 14: AS MÃOS QUE CUIDAM DA SEMENTE DA VIDA

Fonte: Adevan de Jesus Souza

Nessa fotografia, é exibida uma mão de um homem do campo. Atrás de uma lavoura, está um homem idoso, em pé. Em primeiro plano, um homem com a mão direita aberta exibindo uma quantidade de sementes vestindo camisa de manga curta azul escuro, calça azul claro e sandália de dedo com as correias pretas. Ao fundo, um homem em pé veste camisa azul e uma sandália com correias pretas, com um papel na mão.

A partir da apresentação e contextualização das imagens dispostas acima, podemos perceber a prática agroecológica da colheita de sementes. No Assentamento Terra Vista tem

alguns senhores e senhoras que são considerados os guardiões/defensores de sementes crioulas

que podem possibilitar um cenário coletivo de vidas. Eles vêm resgatando e preservando não só as sementes, mas os saberes, fazeres de práticas agroecólogicas que buscam as heranças das raázes de identidade dos povos.

Sendo assim, podemos observar as possibilidades de fortaleciemnto e a resistência da construção de uma teia da soberania alimentar e da soberania pedagógica. Segundo o Ferreira e Felício (2021, p. 62), “[...] nossa ferramenta mais afiada é o respeito e o amor à terra e à natureza.”

Esse é um registro muito significativo para a agricultura familiar e para a soberania alimentar. Ainda de acordo ao Ferreira e Felício (2021, p. 62) “Uma verdadeira soberania alimentar só se dá numa terra saudável [...]”. Nesse sentido, o ensino da arte no contexto da Educação do Campo e Agroecologia têm alguns instrumentos pedagógicos que propociona elos com a arte de produzir alimentos e obras de arte.

Figura 15:IDENTIDADES COMO PRODUÇÕES DA CULTURA

Fonte: Adevan de Jesus Souza

Esta fotografia está localizada no Terra Vista, na parede de uma casa foi feito desenhos de animais, plantas, formas e escritassobre a luta, a resistência e a resgate da ancestralidade, pintada com cores azul, amarelo, preto e branco. Ao fundo, estão árvores e folhas de verde claro e verde escuro.

Podemos ver através dessa imagem uma linguagem artística que leva a diferentes interpretações. Ao olhar essa fotografia da obra pintada sobre uma parede que foi composta por mulheres, homens e jovens assentados, é possível pensamos coisas diferentes sobre seus

significados e nuances. Nessa fotografia, há várias representações, como pensonagens importantes da nossa ancestralidade e da história dos povos do campo da nossa região. São imagens que têm estilos próprios, misturando escritos, desenhos de animais, entre tantas outras imagens criativas.

Além disso, a obra também pode evocar questões de identidade, resistência e empoderamento, já que a participação de diferentes grupos na composição da obra sugere uma colaboração e união em prol de um objetivo comum. A escolha das cores e dos elementos utilizados também pode ter um simbolismo específico, como o uso de tonalidades mais terrosas remetendo à natureza e à vida no campo, por exemplo.

No entanto, a fotografia também pode ser vista como uma crítica social, já que a construção da obra sobre uma parede pode trazer à tona questões políticas e de acesso ao espaço público. A presença simultânea de diferentes idades e gêneros na composição da imagem também pode apontar para a diversidade e a inclusão como valores importantes.

De maneira geral, a fotografia da obra sobre a parede é uma representação artística que pode ser lida de várias formas, trazendo à tona diferentes questões e reflexões sobre nossa sociedade e história. Essa imagem se desdobra em varias instâncias da vida e, como afirma Paulo Freire, (1981) “Educar é comprometer-se com a vida”.

Nesse contexto, é importante destacar que os assentados e assentadas do Terra Vista tem possibilitado o conhecimento expando perpassando pelo as vidas humnas e de outros seres vivos que compoe o universo.

Figura 16: O CACHORRO

Fonte: Mateus da Silva Grulha

Nesse registro, é exibida uma fotografia de um cachorro. Em priemiro plano, uma pessoa com mão direita segurando um espelho exibindo uma imagem de um cachorro. O registro foi feito no ambiente externo. Ao fundo jovem em pé com bermuda de cor clara e uma sandália azul com um espelho enquadrando uma imagem de cachorro. Essa fotografia foi feita por um estudante do curso de agropecuária em alternância e faz parte dos registros feitos na oficina de fotografia com o espelho e usou a criatividade para mostrar mais uma possibilidade detrabalharmos a arte e agroecologia no contexto da educação do campo.

Figura 17: BANHO DE RIO

Fonte: Mateus da Silva Grulha

Essa imagem faz parte de vivências das pessoas que vivem no assentamento. A cena pode nos remeter a um passado, mas ainda é praticada nos dias de hoje, no curso d'água do rio Aliança. Essa fotografia dos estudantes do curso de agroecologia em regime de alternância tomando banho no rio representa uma prática comum entre as pessoas que moram no assentamento principalmente entre as mulheres que lavam roupas à beira do rio.

Figura 18: POMADA MEDICINAL

Fonte: Rosimery Floriano

Nesta imagem, o primeiro elemento que chama a atenção são as cores. Muito importantes por conta do contraste criado entre as plantas e os produtos embalados. A cor da bancada e das folhas no fundo definem uma linha inclinada na base da fotografia. Na fotografia, em primeiro plano, à esquerda, há dois produtos que são frutos do conhecimento agroecológicoos. Ao fundo, folhas verdes clras e escuras de plantas ornamentais e floresta do cacau cabruca.

Figura 19: FRASCO COLETADOR CHEIO DE ÓLEO ESSENCIAL

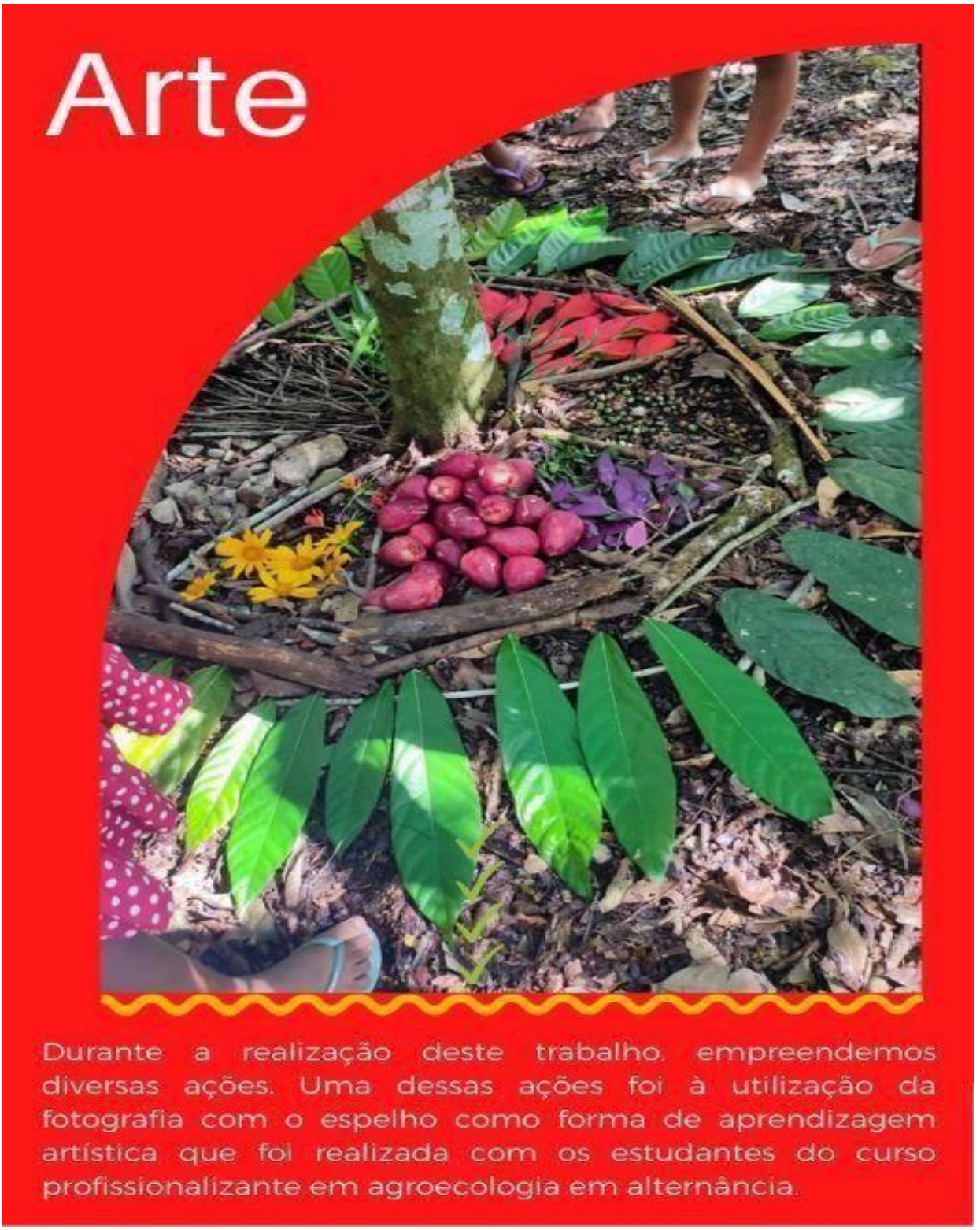
Fonte : Rosimery Floriano

Na fotografia, em primeiro plano, de um ambiente externo, no centro uma mão com de uma mulher com um frasco coletador cheio de óleo essencial. De cor clara, o óleo se mistura com hidrolato que é obtido durante processo de extração dos óleos essenciais das plantas aromáticas e medicinais. Ao fundo, há uma mata ao redor do coletador do óleo essencial da pimenta rosa que é uma árvore batizada de aroeira, composta árvores de folhagems verde clara e verde escura.

TRANSCRIÇÃO DE AUDIO: MULHER PROFESSORA, ASSENTADA, Militante e Participante do Grupo de Mulheres.

"O ensino da arte na Educação do Campo é muito importante porque, a é sabendo que a Educação do Campo é uma educação é que visa é trazer o resgate dos saberes as realidades desse homem campesino desse ser humano campesino essas crianças campesina e a arte vem através da arte nós podemos fazer vários resgates, várias atividades que venha reforçar essa identidade mostrar o potencial de cada comunidade né de cada local de cada território com fotos,filmes então essas atividades com com espelhos essas fotografias com espelho é bem legal mostra bem legal assim faz um um recorte da natureza fica fica muito bonito e realístico e simples de se fazer e dá pra as crianças desenvolvidas é ser também repassar né esses conhecimentos dessa atividade de fotografia de arte é e na educação do campo a gente sabe que tem as dificuldades né , apesar de tudo a gente dentro contexto de arte de de de dessa questão da arte em si é é meio defasado as pessoas nu aham é importante parece os governantes e e quem é né tá na responsabilidade da educação não acha tão importante é trabalhar essa questão da arte com o jovem, crianças, pessoas né do campo e acabam queeles ficam e defasagem não tem quase. Tem a disciplina mais na às vezes não acontece as atividades são poucas. Que fazem são muitos pouco e com esse trabalho é de Adriene veio também mostrar as crianças né a importância como é simples e também arte tem vários modos de se fazer uma simplicidade também que não deixar de ser arte né e estão pra escola do campo é muito importante essa questão da arte trazer o resgate de várias formas de manifestação de artes que a gente tem nas nossas comunidades né, desde a música né da nossa paisagem que é super maravilhosa nossas né fotografias super reais que dá pra fazer muitas coisas, brincadeiras né,a nosso modo de produção, nossas casas né, nossas estruturas é de casas de habitações é estão nós temos uma diversidade pra explorar de arte da fotografia e pra mim e pra meu filho que participar dessa atividade com a professora é a gente ficou muito feliz é um resultado muito significante e as crianças não só o meu a gente vê que as crianças que gostaram muito participaram bastante e acham super interessante, ficaram bastante empolgados com a a atividade. Eu acho que algo que é a gente não pode esquecer e que não podemos esquecer que o homem do campo a educação do campo necessita si de arte e e termos muitas e muitas sessões de arte."

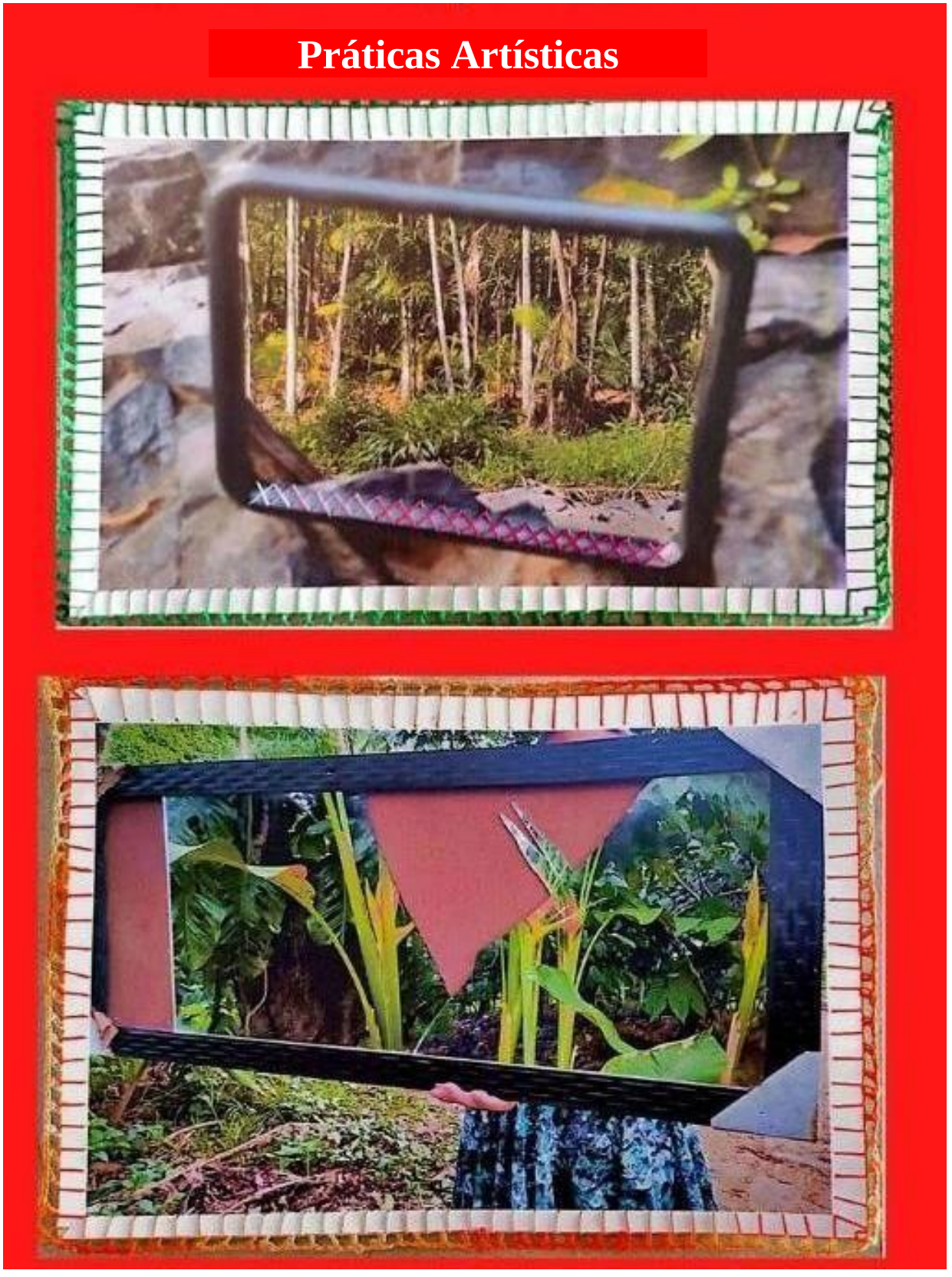
Figura 20: COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA COM ELEMENTOS DA NATUREZA



Fonte: Acervo da autora

Essa prática artística foi desenvolvida com os estudantes e algumas mulheres estudantes assentadas com o objetivo de possibilitar outras formas de potencializar o ensino da arte e da agroecologia através da fotoraizarte é possível melhorar as práticas artísticas

Figura 21: ESTÉTICA DA FLORESTA NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA



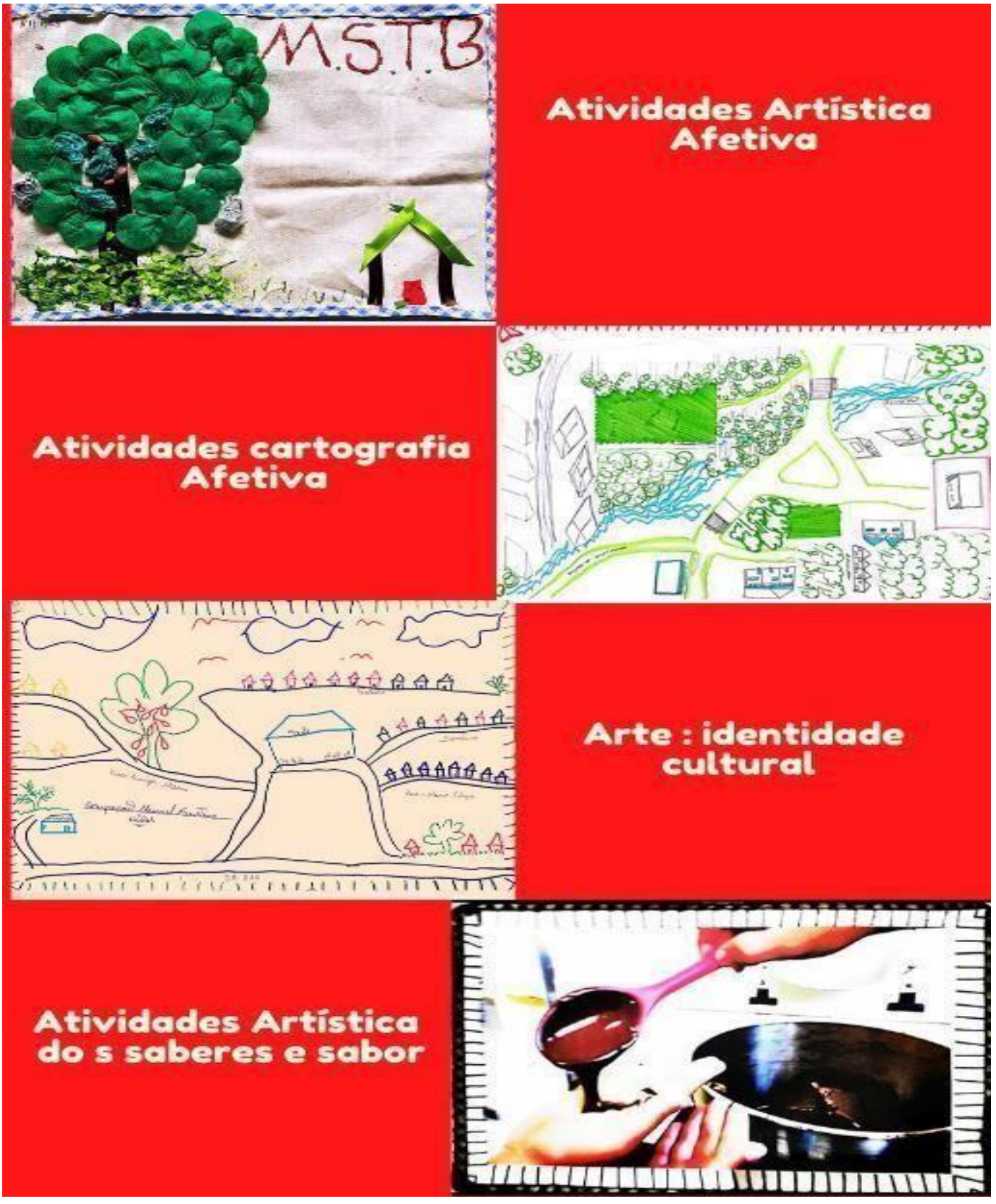
Fonte: Fotografia da estudante Daiane

Na figura 2, uma mulher com um espelho refletindo um cenário onde se tem a impressão de preservação e beleza natural. A estética dessa fotografia vai além dos nossos olhares. Essa Imagem se refere ao processo e produção de uma assentada, numa das experiências vividas com a fotoraizarte. Essa experiência que foi colocada em ação com estudantes do curso técnico em Agroecologia em alternância e algumas mulheres assentadas foi um momento de colocarmos em prática as atividades artístico-pedagógicas com a utilização do enquadramento através do espelho quebrado e com borda de crochê.

Nessa atividade, os participantes tiveram a oportunidade de falar um pouco sobre a transição do modo de vida urbano para o sistema agroecológico dos saberes, dos fazeres, da resistência, da luta e cuidado com a natureza. Além de fazerem comentários sobre as possibilidades de enquadramento das fotografias dentro da mata ciliar com a vegetação florestal que acompanha o rio. Um exemplo bem interessante foi a fala da mulher que segurou o espelho quebrado para fazer o retrato artístico da flor da helicônia e no fundo a floresta do cacau. Ela chama atenção para o desequilíbrio ecológico e comenta sobre a imagem destacando a impressão de que falta uma parte do ambiente que está quebrado como o espelho. Ressalta ainda a importância de viver de forma harmoniosa com a natureza.

A leitura que fizemos da Figura 2 foi de visibilizar as práticas agroecológicas, remetendo para uma poética da floresta, que permite pensar na fotoraizarte. O enquadramento feito a partir de outro enquadramento de espelho sugere um jeito de guiar os olhos para a defesa do modo de vida tradicional e ancestral. Elementos marcantes na cena, rocha, plantas frutíferas e plantas ornamentais. Essa composição tem forte senso estético, despertando a sensibilidade, emoção, ideias e criatividade da criação de molduras feitas com oponto de cruz e o crochê que é uma atividade presente na vida das mulheres assentadas.

Figura 22: ARTE DA CARTOGRAFIA AFETIVA



Fonte: Acervo da Autora

O ensino da arte com conexão aos saberes agroecológicos possibilita outras experiências que são pertinentes no contexto da Educação do Campo. Como diz Bondía:

> O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido. O que vou fazer em seguida é sugerir certo significado para estas duas palavras em distintos contextos, e depois vocês me dirão como isto lhes soa. O que vou fazer é, simplesmente, explorar algumas palavras e tratar de compartilhá-las. (BONDÍA, 2002, p. 21)

A partir destas reflexões, podemos dizer que o ensino da arte no contexto da Educação do Campo e Agroecologia possibilita um ensino-aprendizadizagem através das experiências vivenciadas pelos estudantes. A experiência do ensino da arte no contexto da Educação do Campo oferece a possibilidade de recriação e de fortalecimento das identidades dos povos do campo através do uso de várias linguagens estéticas que tenham uma relação com a vida cotidiana dos camponeses.

Podemos pensar em um "instrumento poético-pedagógico", termo que expressa a junção entre as premissas da educação da alternância e as potências dos processos de criação artística. Este termo inspira-se na proposição de Dias e Fernández (2015,
p. 3489) a respeito dos "Objetos de Aprendizagem Poéticos", que se referem "[...] a situações poéticas de aprendizagem que se propõem como aberturas a cinco dimensões que podem orientar tanto a sua criação como seu uso, análise, avaliação e observação na educação". São estas as cinco dimensões apontadas pelos autores:

> 1) Abertura aos espaços de experiência estética, que é algo a ser criado, se situa nas relações entre sujeito e objeto e é compreendida como um evento.
> b) Abertura à singularidade e pluralidade das subjetividades, dos eventos e produtos de aprendizagem.
> c) Abertura à criação de territórios de subjetivação porque constituem máquinas para criação de espaços de subjetivação com as quais os participantes podem experimentar e inventar outras formas de ser, de se relacionar e de produzir agenciamentos maquínicos.
> d) Abertura à imaginação como uma das condições para criar territórios de subjetivação, porque se refere à potência do que pode ser e do que ainda não é, e a uma imaginação que não surge só da memória, mas da fabulação.
> e) Abertura à aparição da diferença e da dissidência, que são rupturas por onde surge o evento da aprendizagem, porque provoca transformações nos sujeitos e nos objetos.

A arte no campo pode ser usada em sala de aula para criar uma aproximação da escola com a comunidade rural. Assim, é fundamental pensar em atividades artísticas com a utilização de prática fotográfica voltada para a fotoraizarte, isto é, campo no qual as experiências agroecológicas, culturais e artístico-populares se tornam instrumentos

pedagógicos indissociáveisda realidade do povo do campo. Como afirmam Guhur e Silva:

> [...] A práxis agroecológica, baseada num tipo particular de relação com a naturezae em uma racionalidade "mais ecológica", tem implicações na vida cultural, social, estética, lúdica e afetiva – o que às vezes acaba se traduzindo na identificação da agroecologia como modo de vida [...]. (2021, p.64 e 65)

A partir destas considerações, é possível repensar um ensino de arte que permita visibilizar estéticas, memórias e identidades dos camponeses. Como nos recorda Ferreira e Felício (2021, p. 82): "O povo, a organização, o território, a comunidade são os sujeitos da aprendizagem." Pelas palavras dos autores, podemos entender a importância dos conteúdos programáticos com temáticas voltadas para a arte política, a estética da floresta, a arte popular e o patrimônio cultural e natural. Sobre esse aspecto, ressalta Bogo:

> A obra de arte de um camponês Sem Terra não se encontra em paisagens pintadas ou em escritos filosóficos que se tornam obras, mas na paisagem real que se torna poesia. Aquilo que é novidade na natureza para alguns, para um Sem Terra não é ou pode ter outro significado. O pôr-do-sol para muitos pode representar um fenômeno artístico, pintado pelas mãos invisíveis do criador da natureza, para o camponês pode representar apenas fadiga de um dia duramente trabalhado, onde agora, ambos "vermelhos" de cansaço, no colo da noite adormecerão, para renascerem no dia seguinte e dispostos, acordarem o amanhecer. (BOGO, 2000, p.37)

O ensino de arte no campo – por meio dos métodos da fotoraizarte - deve prever um reconhecimento do educar a sensibilidade através das experiências perceptivas, intelectuais e emocionais. Um exemplo de atividade que possibilita um olhar crítico, sensível e contextual são as práticas fotográficas que buscam revelar a potência estética existente na cultura agroecológica, que se expressa nos saberes, fazeres, modos de vida e relações com a natureza, as crenças, as manifestações artísticas, a colheita das sementes, os cantos e as moradias. É neste sentido que:

> A beleza em nossos assentamentos não é para ser comercializada, mas sim para demonstrar que caminhamos rumo à reconstrução da vida com o perfume das flores cultivadas, com o único objetivo de perfumar o caminho neste quadro de arte pintado pelas mãos de um desconhecido, que usou a enxada e os dedos como instrumentos básicos da edificação desta grande obra. Assim, a cor marrom está na própria terra e o verde está contido na própria muda da flor, que se deita sobre o leito macio preparado para a fecundação. Assim irá fazer parte da paisagem. (BOGO, 2000, p.37)

A perspectiva da fotoraizarte permite repensar o ensino da arte no contexto da Educação do Campo em um assentamento. Deste modo, Bogo (2000 p. 38) destaca a valoração dos processos estéticos no contexto dos povos ligados aos movimentos sociais do campo: "Nossa pintura tem mais sensibilidade por ser real, porque respira e exala perfume, sensibilizando também nossa consciência estética."

A arte no campo vai além da sala de aula, ela permite que os estudantes sejam despertados para os demais sentidos. Olhar, gostar, admirar, amar, ouvir, cheirar e cantar são

processos também relevantes para a formação integral e significativa das coletividades de aprendizagem; neste caso, os estudantes e as mulheres assentadas. Assim, a fotoraizarte aplicada no contexto educacional do Assentamento Terra Vista propiciou aos estudantes e demais comunidades envolvidas a descoberta e a sensibilidade enquanto meios de aprendizagem para o fortalecimento da autodescoberta, da identidade cultural e do sentimento de pertencimento ao território. Sentir o cheiro e a cor das flores e folhas, reconhecer as sementes da terra e ter o prazer de apreciar as águas do rio Aliança que reflete um espelho belo e encantador, são processos cotidianos na vida das pessoas do campo. Entretanto, quando realizados por meio da arte, se tornam experiências que promovem uma cisão cognitiva e sensorial de tamanha potência que acabam promovendo um aprendizado ainda mais significativo, tanto dos conteúdos educativos quanto da própria vida.

A fotoraizarte reafirma que a arte no contexto da Educação do Campotem papel preponderante na formação dos jovens e seu despertar para a liberdade e a transformação social. Paulo Freire (2017) considera que "[...] a única forma do indivíduo se emancipar da opressão é através daconscientização".

A fotoraizarte alia a Educação do Campo à agroecologia enquanto possibilidade de fortalecimento de outra proposta de ensino, que dê conta da diversidade do campo. Neste contexto, as atividades artístico-educativas podem potencializar as relações de cuidado e harmonia entre todos os seres humanos e com a natureza na busca do "bem viver"[1]. O ensino da arte no contexto do campo pode ser uma forma de fortalecer a identidade e a cultura dos estudantes, além de estimular o pensamento crítico e a criatividade.

[1] O conceito de bem viver tem sua gênese nos povos indígenas. Segundo o autor: Alberto

Figura 23: ARTE DA RESISTÊNCIA

Fonte: Marco Co

Esse processo criativo destaca uma imagem de uma pintura no muro da casa onde os moradores depositam o lixo inorgânico. Através dessa experiência prática, buscou-se possibilitar as mulheres e os estudanntes compreenderem a linguagem poética e estética. Nota-se que a palavra resistir faz parte do cenário dessa composição artística como algo que é muito comum no assentamento Terra Vista. É uma imagem que nos leva a repensar e recriar os nossos recursos didáticos possíveis com o uso da linguagem fotográfica no contexto do ensino da arte e agroecologia.

3.3 METODOLOGIA DA FLORESTA DOS SABERES

A metodologia indica caminhos pela estética da floresta para se chegar a uma Educação do Campono contexto da arte e agroecologia. Neste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que não há preocupação com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento de análise das ações poéticas das mulheres através de intervenção fotográfica como proposta pedagógico/metodológica de ensino da arte da luta, política, fotoraizarte e as experiências agroecológicas, culturais e artísticas populares das mulheres assentadas e dos estudantes do curso de agroecologia em regime de alternância.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi implementada uma metodologia de pesquisa qualitativa que possibilitará o estudo dos motivos, desafios, perspectivas, crenças, saberes, fazeres, estética, poéticas das mulheres camponesas, valores e atitudes dos sujeitos envolvidos.

A opção por uma pesquisa-ação construída para desenvolver uma metodologia criativa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Percebi que mesmo a escola estando dentro do assentamento, os estudantes não tem um conhecimento mais aprofundado da história da luta e resistência das assentadas, das práticas agroecológicas, da arte política e ideologia, da estética da floresta. Pensando nisso, busquei uma didática diferenciada, utilizando alguns instrumentos pedagógicos que possibilitassem uma produção artística com a participação dos estudantes e das mulheres.

Planejei esta atividade artística/pedagógica pensando nos estudantes do curso de agroecologia em alternância e nas mulheres assentadas, possibilitando uma prática fotográfica que visibiliza as ações poéticas e produtivas das assentadas através das cruzadas do ensino da arte e a articulação da agroecologia e sua dimensão pedagógica em uma escola do campo.

A ideia foi combinar luz natural e edição de foto nos espaços de produções agroecológicas com o propósito de fazer fotografias artísticas e revelar a criatividade, a sensibilidade dos estudantes e das mulheres assentadas.

Os povos do campo são marcados pelas histórias e memórias, embedidos de experiências ancestrais que contribuem muito para uma boa convivência com o bem viver. Para este trabalho, elaboramos o conceito de fotoraizarte, que surge da fusão entre a arte e a

agroecologia, representando uma abordagem criativa e expressiva que busca explorar e comunicar os princípios e valores da sustentabilidade agrícola. Essa forma de expressão artística combina elementos fotográficos e ecológicos, utilizando a fotografia como uma ferramenta para retratar a interação entre os seres humanos, a natureza e as práticas agroecológicas.

A fotoraizarte busca capturar visualmente a harmonia e a diversidade dos ecossistemas agrícolas sustentáveis, bem como as relações entre as comunidades rurais e seu ambiente natural. Além disso, a fotoraizarte também pode abordar questões sociais, econômicas e culturais relacionadas à agroecologia, promovendo uma reflexão crítica sobre os sistemas de produção de alimentos e o uso dos recursos naturais. Nesse sentido, a fotoraizarte não apenas cria obras de arte visualmente impactantes, mas também tem o potencial de inspirar e sensibilizar o público em relação à importância da agroecologia como um caminho para a agricultura sustentável e a preservação do meio ambiente.

Figura 24: Diagrama fotoraizarte.

Fonte: Desenvolvido pela Autora.

Os significados da palavra giram palavras como “sensação”, “processo de percepção”, “sensação visual”, “sensação gustativa” ou "sensação auditiva". A arte no contexto da

Educação do Campoe a agroecologia com a possibilidade de fortalecer os elos entre a estética

da floresta, a arte política, os saberes e fazeres da vida no campo.

Minha história me tornou uma educadora popular e militante em defesa de uma educação que desse conta da diversidade do campo. Durante esse tempo venho trabalhando com material retirado do ambiente natural, dentro e fora da sala de aula, e os escolhi inicialmente porque muitas das vezes não podia contar com material didático tradicional, como papel de ofício, lápis de cor, cartolina entre outros. Com o passar do tempo e a experiência adquirida, passei a acreditar em uma Educação do Campoque valoriza a realidade do povo camponês, em que os materiais de origem natural são abundantes e se colocam à nossa disposição.

Esta forma de abordar a Educação do Campo decorre da minha experiência como professora coletadora no contexto da escola do campo no Assentamento Tuiuti. As aulas que aprofundei não se pautaram em uma única perspectiva, mas possibilitaram formas de trabalho diversificadas, principalmente em função da estrutura de ensino já descrita. Como os tempos das aulas e a permanência na escola são diferenciados, as atividades precisam estar em consonância com as respectivas demandas.

As turmas de que tratarei são compostas por 6 estudantes na turma de agroecologia e 8 na turma de agroepecuária, sendo 4 mulheres assentadas e 2 professoras também assentadas, na sua maioria mulheres negras, mães solteiras que precisam levar as crianças para a sala de aula.

Relatarei a seguir, a aplicação de minha metodologia na turma citada. Adianto que este relato não pretende ser uma fórmula geral de Ensino de Arte e Agroecologia no Campo, mas sim, um conjunto de apontamentos de possibilidades concretas neste contexto onde cresci e onde me fiz professora.

As 4 oficinas foram desenvolvidas em etapas diferentes. A primeira foi a das fotografias com espelho, a segunda com fotografias de casas e alguns animais domésticos, a terceira confecção de bordados livres e a quarta, composição do caderno da realidade. Foram estabelecidos objetivos e etapas visando uma melhor compreensão das oficinas das funções das atividades artisticas na escola do campo. Parti do objetivo geral que era fumdamentalmente, analisar os saberes, fazeres e através das ações poéticas das mulheres assentadas pelo meio de uma intervenção fotográfica voltada para as práticas artísticas e culturais.

Estruturei as atividades partindo dos seguintes objetivos específicos:

- Contribuir para o desenvolvimento da percepção, da contextualização dos saberes

artísticos dos povos do campo, além do pensamento crítico;

- Proporcionar o conhecimento básico da história da fotografia;
- Contextualizar os conhecimentos, valorizando as experiências dos estudantes e seus conhecimentos prévios, sem perder de vista a (re) construção dos saberes dos povos do campo;
- Fazer uso das fotografias produzidas pelos estudantes como prática pedagógica/metodologia de ensino, através da elaboração do conceito de fotoraizarte, que surge da fusão entre a arte e a agroecologia,
- Propor ações por meio de oficinas de técnicas de capitação de imagem, tecnicas de bordados com tramas que enlace o soltar a criatividade e se expressar de diversas formas: ponto atrás, ponto pirulito, ponto partido/corrente e ponto haste e desençaça emoções;
- Experimentar e discutir as potencialidades da fotografia como recurso de compreensão e de intervenção no dia a dia das pessoas que vivem no campo;
- Apresentar proposta pedagógica que articule o uso da fotografia como uma forma de dar visibilidade as ações dos povos do campo;

Sempre gostei de fazer atividades práticas educativas com estudantes no campo porque são momentos de trocas de saberes, além de ser um período de muito aprendizado. Esse trabalho foi construído através de diálogo com os estudantes e algumas assentadas.

A seguir detalharei as etapas até a publicação nas mídias sociais e exposição na escola.

ETAPAS DAS OFICINAS

1° **Fotografias com espelho:** Nessa etapa fiz a apresentação da proposta das oficinas que teve como tema central a fotoraizarte. Pensando nisso, essa etapa consistiu num debate sobre quais os registros nós fazemos em nosso cotidiano.

Para essa etapa, fizemos uma conversa com um assentado que é o mestre dos saberes sobre a estetica da floresta e refletimos sobre o processo de transição agroecologica do Assentamento Terra Vista. Para iniciar as atividades práticas de fotografias guei os estudantes pelo assenmento Terra Vista e em seguida orientei a observarem sobre: Qual o lugar mais bonito na escola e no assentamento? Algo que nunca havia reparado durante esse tempo na escola e no Assentamento. Já utlizaram o espelho para fazer fotografias?

Apos responderem as questões foi feito uma caminhada pelo assentamento para fazermos alguns registros utilisando a tecnica do espelho e para essa prática foi necessário pegamos um espelho grande emprestado na mão de uma assentada que nos ofereceu um espelho que estava quebrado. Pegamos o espelho e entramos na mata ciliar que fica nas

margens do rio aliança proximo a casa de cultura do Assentamento e lá fizemos os primeiros registros usando o espelho quebrado e usamos também o espelho D'água como ferramenta pedagogicos. Essa oficina foi uma oportunidade para conectar-se com a natureza e observar a beleza da preservação ambiental como fruto do trabalho das assentadas e dos assentados em defesa da tranzição agroecologica.

2º **Fotografias de casa e animais domésticos**: Nessa etapa, não houve momento especifico, ao longo do mês os estudantes fizeram os registros de forma autônoma e livre, respeitando o momento de cada um em relação ao que fotografar. Só pedi para eles observarem o modo de vida dos morados dos Assentamentos. O resultado dessa etapa foram osregistros de casas com bandeiras do movimento dos sem terra, fotografis, predios escolares, barcaça de cacau, fabrica de chocolate de animais domesticos como exemplo cachorro e gatos. Em seguida organizamos as fotografias e observei que os estudantes tiveram outro olhar sobre as práticas agrícolas e as tarefas exercidadas pelas mulheres assentadas.

3º Confecção de bordados livres: Nessa etapa, o momento de fazer uma reflexão dos registros que foram feitos na ultima etapa. Dessa forma observamos que algumas mulheres assentadas fazem bordados, crochês, oléo ecessial, chocolate, licor entre outros produtos. Nesse momento, fizemos as impressões dos registros e fizemos as bordas das fotografias com crochê. Além disso, a forma que encontrei para entrelaça os conhecimentos dos estudantes com as assentadas foi a confecção de bordaos. Foi dessa forma, que entreguei um pedaço de tecido para os estudantes e algumas assentas para fazerem os bordados livres com tramas que enlace o soltar a criatividade e se expressar de diversas formas: ponto atrás, ponto pirulito, ponto partido/corrente e ponto haste e desençaça emoções.

4º Composição do caderno da realidade: Nessa etapa, foi o momento de fazemos a composição do nosso caderno da realidade que é um instrumento pedagogico que faz parte da pedagogia da alternância. Essa confecção foi feita de forma coletiva e utilizamos os registros fotograficos e os bordados que foram feitos peloa estudantes e assentadas. Este caderno já passou pelas salas das turmas envolvidas na prática pedagogica e na feira intracampo cultural e artistica que aconteceu em Ilhéus.

Figura 25: A CASA DE CULTURA

Fonte: elaborado pela Autora

REVELANDO AÇÕES CONCLUSIVAS

Ao iniciar este trabalho parti da problemática em encontrar uma possibilidade de prática na introdução pedagógica no contexto da Educação do Campo que pudesse ser desenvolvida no ensino da arte e na agroecologia.

As considerações aqui apresentadas visam analisar as ações poéticas dos estudantes e das mulheres assentadas através da prática fotográfica como proposta pedagógico/metodológica da fotoraizarte que mescla ensino da arte, política, experiências agroecológicas, culturais e artísticas, saberes populares e dos cuidados e afetos coletivos. São dinâmicas indissociáveis da realidade dos camponeses que, por meio das técnicas artísticas, se tornam valores reconhecidos como o tesouro das comunidades camponesas.

Percebo que o ensino da arte no contexto da Educação do Campo e Agroecologia pode trabalhar com a arte da retomada. A arte expandida possibilita a expanção da estética dos

sentimentos e emoções se tornando mais potentes e significativas para aos povos do campo.

Entendo que o contato com a fotoraizarte, desde seu conceito formal até as nossas práticas específicas, possibilitou a articulação dos conhecimentos escolares aos saberes da cultura camponesa.

Desta forma, percebo que os estudantes do campo precisam reconhecer e entender melhor a importância da arte no seu contexto de povo camponês.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 19-64.

BRASIL, Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003.Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensinode História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.MEC/SECAD. 005.

BRASIL, Lei nº11645 de 10 de março 2008.Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.MEC/SECAD.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. n. 19. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2002.

BONIN, Iara Tatiana. **O Bem viver indígena e o futuro da humanidade**. Jornal Porantim: Encarte Pedagógico X; dezembro, 2015. Disponível.

BOGO, Ademar. **MST e a Cultura**. Caderno de Cultura n 34 – MST, 2000 BOGO, Ademar.

O Vigor da Mística. Caderno de Cultura n 02 – MST, 2002 BRANDÃO, Carlos Rodrigues.

O que é educação?São Paulo: Brasiliense, 2007.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre Educação do Campo Brasília**: MDA,2008._ Sobre Educação do Campo Brasília: MDA, 2008.

CALDART, R. S; em **EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA** et all. **Dicionário de Agroecologia e Educaçã**. 1.ed. Rio de Janeiro e São Paulo – 2021. p.430.

CALDART, R. S. **Campesinato; Cultura Camponesa; Educação do Campo; Indústria Cultural e Educação; Povos Indígenas**; Quilombolas; Povos e Comunidades Tradicionais; Terra; Território In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANDAU, V. M. F. **Escola, Didática e Interculturalidade**: desafios atuais. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). Didática Crítica Intercultural. 2ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2018.

Caderno de Leituras n. 111 Série Políticas da terra Terra Vista, Terra-Mãe: Existência grandiosa no campo Joelson Ferreira de Oliveira.

CIAVATA, Maria et al. **A fotografi a como fonte de pesquisa: da história da educação à história de trabalho-educação.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.

https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade: Acesso em: 30 de maio 2023.

CERTEAU, M. The Practice of Everyday Life. Berkely/LA e Londres, 1984.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face**. 2003. Disponível em: . Acesso em: 28 set. 2020.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional **"Por Uma Educação Básica do Campo"**(Texto Preparatório).In:

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO.Erahsto; **Pro Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil.** Arataca(BA): Teia dos Povos, 2021.

FERREIRA, Joelson, in Cadernos de Leituras n. 111. Políticas da Terra. Terra Vista, Terra Mãe: Experiência Grandiosa no Campo. Acessado em 01-07-2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,2011. FREIRE, Paulo.

FERRAZ de Oliveira Carvalho, Luzeni; **O trabalho como Princípio Educativo na Organização Pedagógica de uma Escola de Educação Profissional do Campo: Aproximações e Desafios**; Orientadora Mônica Castagna Molina- Brasília, 2018.

Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIMONET, C. J. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs** Trad. Thierry Burghgrave – Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos familiares de Formação Rural, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça.** Campinas-SP. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.- set. 2012.

GONZALEZ, Leila. **Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais** Hoje, Brasília, DF, p. 223-244, 1984.

HAGE, Salomão Mufarrej; ROCHA, Maria Isabel Antunes; MICHELOTTI, Fernando. Formação em **Alternância** et all. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1.ed. Rio de Janeiro e São Paulo – 2021. p.430.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do rosário do jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MIGNOLO, Walter. **Aiesthesis decolonial**. CALLE14, vol. 4, n. 4, janeiro-junho, 2010.

_____. Reconstitució n epistémica/esté tica: la aesthesis decolonial una década después. Calle 14: **revista de investigació n en el campo del arte** 14 (25). p. 14-32, 2019.

MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. A. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3072/2807.Acesso em: 09 Jnnho. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. In: Eu **sou Atlântica:**

sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento / Alex Ratts (org) . SãoPaulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007

KONESKI, Anita. **A estranha „fala‟ da arte contemporânea e o ensino da arte.**Palíndromo, Florianópolis, v. 1. n. 1, p. 73-88, mar./jun. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação**: uma perspectiva pósestruturalista. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PAIVA, A. S. A hora e a vez do decolonialismo na arte brasileira. **Revista Visuais**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 1–17, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.. Lugar de fala. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Eliane Cristina. **Arte e Experiência: Desdobramentos da Especialização em Arte no Campo,** in. NOGUEIRA, Márcia Pompeo e FRANZONI Tereza Mara (orgs.)Arte no Campo: Perspectivas Políticas e Desafios.– 1. Ed – São Paulo: Outras Exceções 2016.

SYLLA, Abdou. **“Criação e imitação na arte africana tradicional”**. In: África e africanias de José de Guimarães. Museu Afro-Brasil (catalogo de exposição), 2006. p. 2.

Fonte: Mateus da Silva Grulha